

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE DE RIBEIRÃO PRETO

**TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE GRANDES MESTRES  
BRASILEIROS: ASPECTOS SOCIOCULTURAIS E  
PEDAGÓGICOS NO CAMPO SOCIAL DO XADREZ**

Jéssica dos Anjos Januário

RIBEIRÃO PRETO  
2014

**TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE GRANDES MESTRES BRASILEIROS: ASPECTOS  
SOCIOCULTURAIS E PEDAGÓGICOS NO CAMPO SOCIAL DO XADREZ**

**JÉSSICA DOS ANJOS JANUÁRIO**

Monografia apresentada à Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Educação Física e Esporte.

**ORIENTADOR: PROF. DR. RENATO FRANCISCO RODRIGUES MARQUES**

Januário, Jéssica dos Anjos

Trajetória esportiva de Grandes Mestres brasileiros: aspectos socioculturais e pedagógicos no campo social do xadrez / Jéssica dos Anjos Januário. – Ribeirão Preto: [s.n.], 2014.

iv, 67p.

Monografia (Bacharelado em Educação Física e Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Renato Franscisco Rodrigues Marques

1. Xadrez 2. Formação esportiva 3. Alto rendimento I. Título.

## **RESUMO**

Trajetória esportiva de Grandes Mestres brasileiros: aspectos socioculturais e pedagógicos no campo social do xadrez

Autora: JÉSSICA DOS ANJOS JANUÁRIO

Orientador: PROF. DR. RENATO FRANCISCO RODRIGUES MARQUES

Jogo, esporte, arte ou ciência? Eclético em suas possibilidades de definições e formas de manifestações, o xadrez tem se consolidado durante gerações por meio de uma popularidade crescente, a qual lhe confere o atual grau de segunda modalidade esportiva mais praticada no mundo (SANTOS, 2010). No Brasil, apenas um número seletivo de enxadristas detêm a titulação máxima correspondente ao alto rendimento neste esporte, o título de Grande Mestre (GM). A trajetória percorrida até o alcance de tal título, em particular, carece de investigações em contexto brasileiro, sobretudo à luz das ciências sociais. Assim, o objetivo deste estudo consiste em investigar a trajetória esportiva de Grandes Mestres brasileiros, caracterizando o contexto sociocultural e pedagógico relativo à formação esportiva de sucesso destes jogadores. O grupo de participantes abrangeu a totalidade do universo de todos os onze enxadristas que detêm o título de Grande Mestre no país. Os dados foram coletados através de entrevistas retrospectivas, as quais abrangeram categorias propostas por Côté, Ericsson e Law (2005). As entrevistas encontram-se disponíveis em sua versão escrita e integral no site Clube de Xadrez Online, o qual é fonte reconhecida no cenário nacional como referência de informações e notícias sobre o campo social do xadrez. A Teoria Fundamentada (STRAUSS; CORBIN, 2008; CHARMAZ, 2009) foi adotada como metodologia de análise qualitativa. Como considerações finais, aponta-se a influência familiar na herança cultural socialmente herdada no sucesso da formação esportiva enxadrística dos sujeitos, a iniciação esportiva precoce (média de  $6,27 \pm 3,06$  anos de idade) e adequada aos sentidos que a mesma deve considerar na infância, a diversidade dos conteúdos e métodos de treinamentos utilizados e, por fim, as dificuldades enfrentadas pelos profissionais do xadrez em contexto brasileiro.

**Palavras-chave:** Xadrez. Formação esportiva. Alto rendimento.

## SUMÁRIO

	Página
<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>4</b>
1.1. OBJETIVOS.....	5
1.1.1. Objetivos gerais.....	5
1.1.2. Objetivos específicos .....	5
1.2. JUSTIFICATIVA .....	6
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>7</b>
2.1. O xadrez: do confronto simbólico à competição institucionalizada.....	7
2.2. Contribuições de Pierre Bourdieu para a constituição do subcampo esportivo do xadrez .....	10
2.3. Formação esportiva .....	13
<b>3. MÉTODOS.....</b>	<b>19</b>
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>24</b>
4.1. Aspectos socioculturais .....	24
4.2. Aspectos pedagógicos .....	51
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>64</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Jogo milenar reconhecido mundialmente. Dois adversários. Trinta e duas peças dispostas em um tabuleiro de sessenta e quatro casas. Este é o xadrez, segundo esporte mais praticado no mundo todo, popularidade esta inferior apenas ao futebol (SANTOS, 2010). Jogo dos reis ou rei dos jogos? Composto por um universo amplo de complexidades e de características singulares, o jogo-esporte-arte-ciência tem se consolidado ao longo de gerações. Transcende definições, como oportunamente alude Garry Kasparov (2002), considerado o melhor enxadrista de todos os tempos: “O xadrez não é apenas um esporte, mas também arte e ciência”.

De apropriação do referencial teórico proposto pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, o presente estudo, em concordância com Souza, Starepravo e Marchi Júnior (2011), tem a proposta de utilizar e disseminar os seus ideais como perspectiva de abordagem do xadrez como objeto empírico do campo social esportivo, compreendendo a constituição legítima do subcampo esportivo do xadrez através de suas tensões, rupturas, capitais em disputas e *habitus* que o estruturam e, por ele, são estruturados.

De acordo com o *Modelo de concepção das formas de manifestação do esporte* (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008), se considerarmos o ambiente de manifestação do esporte de alto rendimento e o respectivo sentido oficial que lhe é atribuído, apreende-se que o ápice do rendimento esportivo na modalidade xadrez pode ser evidenciado pela obtenção do título de Grande Mestre (GM) por um enxadrista membro da Federação Internacional de Xadrez (*Federation Internationale des Échecs*, conhecida pelo acrônimo FIDE).

No Brasil, a representatividade do número de Grandes Mestres é pouco expressiva comparada ao número total de 2765 praticantes federados ativos e inativos pelos quais se tem registros em território brasileiro (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE XADREZ, 2014), sendo 11 os indivíduos detentores de tal título. Ainda que poucos, pode-se considerar que tais indivíduos obtiveram relativo sucesso no subcampo esportivo do xadrez, uma vez que mantiveram a prática da modalidade até a idade adulta, compartilharam a cultura específica da modalidade e, complementarmente, alcançaram o alto rendimento esportivo entre seus pares.

Desta forma, torna-se oportuna a análise de como se deram as experiências que, da iniciação ao alto rendimento, constituíram a formação esportiva da grande maestria brasileira. A análise dos discursos presentes em entrevistas retrospectivas dos próprios sujeitos, por fim, evidenciará a perspectiva dos próprios agentes protagonistas deste processo, o que possibilitará o vislumbrar de reflexões referentes aos contextos socioculturais e processos pedagógicos bem sucedidos do enxadrismo brasileiro. Tal contribuição poderá subsidiar a elaboração de futuros programas que envolvam o processo de formação esportiva nesta modalidade de forma mais eficaz, bem como poderá destinarse à orientação e qualificação dos possíveis agentes sociais inteventores deste processo, ao exemplo de pais, professores, treinadores, gestores, entre outros.

## **1.1. OBJETIVOS**

### **1.1.1. Objetivos gerais**

Investigar a trajetória esportiva de Grandes Mestres brasileiros, titulação máxima concedida pela Federação Internacional de Xadrez aos enxadristas de alto rendimento.

### **1.1.2. Objetivos específicos**

a) Identificar fatores relevantes na formação esportiva de Grandes Mestres brasileiros, caracterizando o seu contexto social e pedagógico; b) interpretar, através das experiências anteriores destes jogadores no xadrez, os caminhos pelos quais o sucesso nesta modalidade esportiva pode ser alcançado e desenvolvido em contexto brasileiro, considerando sucesso o fato dos mesmos praticantes manterem-se ativos na prática do xadrez até a idade adulta, compartilharem a cultura específica da modalidade e, concomitantemente, atingirem também desempenhos de alto rendimento no esporte; e c) oferecer subsídios teóricos para futuras intervenções pedagógicas relativas ao ensino e treinamento da modalidade esportiva xadrez.

## 1.2. JUSTIFICATIVA

Relevante ao desenvolvimento do campo acadêmico produzido e destinado ao xadrez como objeto de estudo da área temática da Educação Física e Esporte, o presente estudo advém da necessidade de discussão e preenchimento de lacunas existentes sobre os elementos pedagógicos e socioculturais inerentes ao processo de formação esportiva vivenciado pelos agentes desta prática.

A condição de segunda modalidade esportiva com o maior número de praticantes no mundo todo, ao contrário do que se espera, não tem garantido ao xadrez o proporcional avanço acadêmico dos estudos acerca de sua formação esportiva, sendo escassos aqueles presentes na literatura até então, principalmente em território brasileiro. A trajetória percorrida até o seu alto rendimento, em particular, carece de investigações à medida que os processos sociais e pedagógicos vivenciados pelo limitado número de praticantes que alcançaram a qualificação máxima do esporte, o título de Grande Mestre, são pouco evidenciados pelos próprios jogadores e pouco explorados empiricamente, sobretudo à luz das ciências sociais, a qual oferece subsídios valiosos capazes de contribuir para a compreensão de aspectos humanos relevantes à totalidade deste processo.

No Brasil, a representatividade do número de Grandes Mestres é pouco expressiva comparada ao número total de praticantes da modalidade, sendo 11 os indivíduos detentores de tal título. No entanto, pode-se considerar que tais indivíduos obtiveram relativo sucesso no subcampo esportivo do xadrez, uma vez que mantiveram a prática da modalidade até a idade adulta, compartilharam a cultura específica enxadrística e, complementarmente, também alcançaram o alto rendimento esportivo entre seus pares.

Desta forma, torna-se oportuna a análise de como se deu a trajetória esportiva deste grupo específico de participantes desde a iniciação até o alcance do alto rendimento, de modo a possibilitar reflexões sobre os contextos sociais e processos pedagógicos nela inerentes, os quais serão capazes de contribuir para a elaboração de futuros programas que envolvam a formação esportiva de forma mais eficaz na modalidade, bem como orientar os possíveis agentes sociais que intervêm neste processo.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1. O xadrez: do confronto simbólico à competição institucionalizada

O xadrez percorreu uma trajetória milenar ao longo das mais diversas épocas e sociedades até se legitimar como prática social em que atualmente se reconhece. Sua origem e história são discrepantes no que se refere às suas produções e cercadas de lendas e mitos que traduzem a tentativa de legitimação das convicções de seus pesquisadores. Os mais factíveis indícios convergem para uma gênese datada de aproximadamente mil e quinhentos anos, na Índia, por intermédio da “Lenda de Sissa”. O conselheiro que dá o nome desta mítica foi membro da corte do rajá indiano Balhait e inventor do chaturanga, primeiro arquétipo do que se tornaria o xadrez do modo com o qual se pratica atualmente. Por constituir-se em um dos jogos mais antigos da humanidade, diz-se que a “sua história está tão intimamente relacionada com a civilização humana que estudá-la é entender melhor o próprio homem” (SHENK, 2007, p. 18). Devido ao impasse estabelecido na conferência da gênese deste esporte, o presente estudo adota a postura relativista de não descartar nenhuma das possibilidades e vertentes teóricas existentes. Tal conduta, em particular, não só apresenta-se como prudente, mas, todavia, esclarecedora, conforme sugere Souza (2010).

Com uma popularidade exacerbada durante o último período da Idade Média, principalmente nos séculos XIII à XV (LAUAND, 1988), uma extraordinária difusão foi garantida ao xadrez em meio aos jogos de tabuleiro, caracterizando uma elitização do seu conhecimento que se faz presente até a contemporaneidade. Como oportunamente relata Christofoletti (2007), “[...] no imaginário social contemporâneo, carregado de impossibilidades e desafios, este fenômeno ainda é visto como um diferenciador de classe social, em que poucos podem ter acesso a este conhecimento”. No entanto, três importantes acontecimentos que ocorreram ao longo da história da humanidade foram apontados por Silva (2010) como marcos que colaboraram para a popularização da prática enxadrística: a) o primeiro se deu no século XV, com o advento do tipo móvel por Gutenberg, o qual possibilitou a impressão de livros de xadrez que colaboraram para a disseminação de sua prática nas mais diversas localidades; b) o segundo acontecimento ocorreu já no início do século XX, no leste europeu, quando a recém-formada União Soviética adotou o jogo de xadrez por motivos de ordem política, ideológica e educacional, tornando-se potência

hegemônica nesta modalidade àquela época e com subsequente legado para o desenvolvimento esportivo das próximas gerações russas; e c) por fim, o terceiro fato que contribuiu para torná-lo acessível, segundo o autor, foi o surgimento dos computadores em meados do século XX e o advento da *internet*, já no final do mesmo século. Dessa maneira, o acesso e a aproximação dos praticantes de xadrez se tornaram facilitados através de poucos cliques ao longo dos vários continentes. Para o enxadrista de alto nível, não obstante, os *softwares* e *hardwares* representaram o advento de ferramentas imprescindíveis para a melhora dos métodos de treinamentos vigentes àquela época, bem como o auxílio nas preparações competitivas através da criação e consulta às bases de dados *online* com conteúdos referentes aos mais renomados jogadores, partidas e torneios.

O conjunto de peças composto por reis, damas, torres, bispos, cavalos e peões disseminou-se através das circunstâncias geográficas, temporais, sociais e culturais valendo-se não apenas como uma prática social, mas como elemento incorporado à existência de personagens como Karl Marx, Dante, Benjamin Franklin, Leão XIII, Lênin, Leon Trotsky, Dom Pedro II, Arnold Schwarzenegger, Eduardo I, George Bernard Shaw, Abraham Lincoln, Voltaire, Montezuma, Rabbi Ibn Ezra, Jorge Luis Borges, Willie Nelson, Napoleão Bonaparte, Samuel Beckett, Woody Allen, Norman Schwarzkopf (CHRISTOFOLETTI, 2007; SHENK, 2007; SILVA, 2010). Assim sendo, é inegável a sua influência como instrumento intercessor de ações de generais, políticos, psicólogos, artistas, economistas, matemáticos, teólogos, cientistas, professores e demais agentes que, historicamente, do xadrez se utilizaram para compreender e intervir de maneira notória nos fenômenos da prática cotidiana da realidade em que se inseriam.

Fundada em 20 de Julho de 1924 em Paris, a Federação Internacional de Xadrez (*Federation Internationale des Échecs*, conhecida pelo acrônimo FIDE) é reconhecida pelo Comitê Internacional Olímpico (COI) como federação esportiva internacional desde 1999. Segundo dados de seu site oficial, a FIDE é composta por membros de 170 federações nacionais, sendo a mesma considerada uma das maiores organizações esportivas do mundo, responsável por mais de 40 campeonatos oficiais para jovens, homens, mulheres e idosos. Além disso, a modalidade esportiva xadrez é atualmente reconhecida pelo Comitê Olímpico Nacional (CON) de 115 países ao redor do planeta (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE XADREZ, 2014). Em consulta ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB), verifica-se que a Confederação Brasileira de Xadrez (CBX)

participa do quadro de confederações vinculadas e reconhecidas, isto é, confederações responsáveis por modalidades esportivas que não participam dos jogos olímpicos (CÔMITE OLÍMPICO BRASILEIRO, 2014). No entanto, a modalidade conta com um evento próprio análogo, a *Olimpíada de Xadrez*, a qual é um evento organizado pela federação internacional que rege este esporte, bienalmente, reunindo a elite mundial de enxadristas através de equipes representativas de suas nações (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE XADREZ, 2014).

Em meados de 1970, a Federação Internacional de Xadrez se deparou com a necessidade de criar um método para calcular o nível de jogo relativo entre os seus membros, uma vez que o número de jogadores e de torneios oficiais se tornavam crescentes entre a modalidade. Assim, adotou-se o *rating ELO* (termo originado do sobrenome de seu criador, o professor de física e enxadrista Arpad Elo), o qual se constitui em um sistema de pontuação que faz o ranqueamento e a classificação do desempenho dos jogadores de xadrez. A pontuação constitui-se em uma forma de quantificar o desempenho de cada jogador, podendo variar de um mínimo de 1200 pontos até um valor máximo definido por um arbitrário atingido pelo mérito esportivo do próprio jogador. As graduações conferidas aos jogadores de xadrez instituem-se sob a forma de títulos absolutos, os quais podem ser conquistados por homens e mulheres e títulos femininos, os quais podem ser de posse somente destas últimas. São títulos absolutos: *Candidate Master (CM)*, *FIDE Master (FM)*, *International Master (IM)* e *Grandmaster (GM)*, este último adaptado ao português sob o termo “Grande Mestre” neste trabalho. São títulos femininos: *Woman Candidate Master (WCM)*, *Woman FIDE Master (WFM)*, *Woman International Master (WIM)* e *Woman Grandmaster (WGM)*. Para que o alcance de tais títulos seja possível, é preciso que um enxadrista participe de competições oficiais regidas pela Federação Internacional de Xadrez e, nestas, obtenha uma série de requisitos necessários sob a forma de obtenções específicas de pontuações no *ranking* internacional e alcance de normas de desempenho ou de títulos, as quais diferem entre as graduações absolutas e femininas supracitadas.

Desta maneira, a obtenção do título vitalício de Grande Mestre (GM) por um jogador de xadrez federado pode ser compreendida como a representação máxima do alcance de uma graduação que simboliza o mais alto rendimento em sua carreira esportiva e, como tal, lhe confere a mais alta distinção neste subcampo. Em consulta à Federação

Internacional de Xadrez (2014) à época de conclusão deste estudo, 22 de novembro de 2014, dados das estatísticas brasileiras demonstram que o país apresenta um total de 2765 jogadores pelos quais se tem registro, sendo estes a soma entre os jogadores ativos e inativos do país. Dentre eles, à data desta busca, 1362 são jogadores ativos. Ao longo de sua história, 11 enxadristas brasileiros conquistaram o título de Grande Mestre durante a sua carreira esportiva, sendo 7 deles jogadores atualmente ativos e 4 deles jogadores inativos.

## **2.2. Contribuições de Pierre Bourdieu para a constituição do subcampo esportivo do xadrez**

Mas, afinal, xadrez é esporte? Os referenciais teóricos utilizados para a análise de tal questionamento são tão plurais quanto as possíveis respostas que dele são capazes de emergir. Consubstanciado na abordagem teórico-metodológica proposta pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, o presente estudo se propõe a utilizar e disseminar os seus ideais como perspectiva sociológica para a leitura do xadrez como objeto empírico do campo social esportivo.

De elasticidade semântica ímpar por parte de seus entusiastas, as conotações de jogo, esporte, arte e ciência, bem como tantas outras, têm sido simbolicamente adotadas por este grupo, bem como há quem não as considere. O sentido que se dá à prática é, de fato, a chave para a compreensão acerca das manifestações que este pode assumir, uma vez que as acepções acerca do xadrez ou de qualquer outro fenômeno só podem ser compreendidas à luz das diferentes possibilidades de prática e propósitos em relação ao contexto da ação em que os mesmos se encontram inseridos.

De forma semelhante, as definições conferidas ao fenômeno esportivo na área da Educação Física e Esporte denotam o grau de envolvimento de seus autores em relação às sub-áreas que lhes são de domínio. Nesta mesma linha, a hegemonia histórica dos conhecimentos de caráter biológicos e fisiológicos dominantes desta área também se refletem no que é considerado ser esportivo por ela. Sob as formas mais sutis, as definições de esporte prevalentes neste campo privilegiam e, até certo ponto, assumem o caráter físico deste como determinante para rotulá-lo, como se a prática esportiva a este se resumisse. Desta forma, é prudente não considerá-las únicas e universais, de modo a não

desconsiderar a gama de significados que a prática esportiva pode assumir. Assumindo esta linha de pensamento, Souza (2010) a contrapõe de forma a apresentar algumas características físicas tão preconizadas na prática esportiva, realizando uma crítica à consideração única das mesmas para a definição do fenômeno esportivo, da qual este estudo compartilha:

[...] O xadrez, de fato, constitui uma atividade física e, portanto, esportiva, tendo em vista que os níveis de atividade cerebral, a movimentação de membros superiores, a liberação de hormônios e o aumento da circulação sanguínea são bons indicativos dessa “esportividade” recobrada, para corroborar a essa linha de raciocínio que, embora não deixe de ter seu sentido, faz às vezes de uma leitura um tanto quanto reduzida da prática enxadrística e do próprio fenômeno esportivo.

Na condição de uma prática social de múltiplos significados e incumbida das mais diversificadas funções, o xadrez remonta e constitui uma história milenar, a qual, no entanto, só pode ser examinada declaradamente em termos esportivos a partir de um período muito específico da sociedade contemporânea (SOUZA, 2010). A mera classificação do xadrez como esporte, neste modo, não é interesse deste estudo, mas a compreensão acerca da constituição estrutural do seu subcampo esportivo parcialmente autônomo. Para compreendê-lo, entretanto, se faz anteriormente necessário o entendimento dos termos *bourdieusianos* campo social, capital e *habitus*.

Bourdieu se remete ao conceito de campo social para se referir ao espaço de disputas em que concorrem normas, regras e capitais simbólicos próprios (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2004). Em sua essência, os campos constituem-se parcialmente autônomos frente à sociedade em que se encontram inseridos, característica que demonstra a influência do macrocosmo social sob as particularidades do microcosmo, ao mesmo tempo em que este último também pode agir, de forma estruturada, no macrocosmo em que compartilha. Dentre estes espaços, encontra-se o campo social do esporte, e, nele inserido, o subcampo esportivo do xadrez. Do mesmo, extrai-se o conceito de capital simbólico, o qual configura-se como bem que confere reconhecimento e distinção ao indivíduo em determinado campo social, dele constituintes os capitais culturais, econômicos e sociais (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2004). O *habitus*, por sua vez, se caracteriza por uma estrutura estruturante que norteia as formas de ação do sujeito, estabelecido de acordo com as leis do campo e posição social no mesmo (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2004).

Souza, Starepravo e Marchi Júnior (2011) delinearam a análise sociológica sob o processo de constituição histórico-estrutural do subcampo esportivo do xadrez, o qual apresentou sua gênese consoante ao quadro muito específico de mudanças sociais e estruturais ocorridas na sociedade inglesa na metade final do século XIX que, na perspectiva *bourdieusiana*, delimitaram o surgimento do esporte moderno. Nela, os autores problematizaram a sua gênese, historicidade e formas de disputas presentes neste subcampo. Entre as continuidades e rupturas que instituíram a sua legitimidade, neste processo, destacam-se: a) as tensões estabelecidas entre as escolas enxadrísticas de princípios combinatórios (francesa e alemã) e posicionais (inglesa); b) o marco estabelecido pela “maratona de Westminster”, o qual foi evento precursor do que seria o *match* oficial do campeonato mundial da modalidade; c) o advento de torneios que, em consenso com a evolução da sociedade industrial inglesa vigente, incorporaram os primeiros traços de organização esportiva e profissionalização de modo a estimular a dedicação exclusiva ao xadrez por parte de seus entusiastas; d) o desencadear de um possível *habitus* esportivo à partir dos contornos profissionais estimulados pelos incentivos financeiros investidos no campo, em grande parte, pela inserção de patrocinadores; e) alteridade da valorização amadorística e romântica da prática, representada pela sua compreensão sobretudo artística, em detrimento dos primórdios de um profissionalismo burguês, representado pela valorização do resultado em razão do modo de jogar de uma partida e busca pelos incipientes lucros materiais advindos dos primeiros campeonatos mundiais oficializados no final do século XIX; f) aumento da racionalidade da prática representada pela ruptura da concepção temporal da partida com a inserção do controle limitado de tempo; g) o interesse da imprensa, principalmente da mídia impressa, na cobertura dos eventos enxadrísticos que tomavam contornos profissionais; h) distribuição mais homogênea da premiação atrelada ao ideal de estrutura tipicamente profissional e relativizada em relação às demandas mercantis, conferindo à disputa mais do que capitais essencialmente financeiros; e i) ruptura do estilo de jogo clássico de antigas gerações em razão da criação do estilo hipermoderno consoante ao apogeu da arte modernista vivenciada pelo mundo ocidental por volta dos anos de 1920.

Em recorte das principais rupturas e tensões estabelecidas neste subcampo durante os anos de 1900-1960, Souza e Marchi Júnior (2012) deram continuidade à apresentação daquelas que foram algumas das principais transformações ocorridas na afirmação da

legitimidade do caráter esportivo da prática enxadrística. Dentre elas, destacam-se: a) a inexpressividade da Federação Internacional de Xadrez durante as seguintes duas décadas desde a sua fundação em 1924 em decorrência do boicote às participações pela disputa do título mundial pela nação enxadrística de maior representatividade na época, a União Soviética, a qual não se interessava em compartilhar a ortodoxia estabelecida neste subcampo; e b) a massificação sem precedentes do xadrez em território russo como instrumento de treinamento mental para a guerra, simbólico de uma dialética materialista que representava a luta ideológica e política entre as classes sociais vigentes naquela sociedade. Adiante, Souza e Marchi Júnior (2013) prosseguiram com análise entre as transformações conjunturais e mercadológicas e a final do campeonato mundial de xadrez de 1972, tornando-se possível a compreensão da fase áurea deste subcampo esportivo frente à lógica de distribuição e consumo das demais modalidades esportivas no contexto histórico-social delineado naquela época.

A apropriação da teoria sociológica de Pierre Bourdieu fora central para a compreensão da constituição do subcampo esportivo do xadrez apresentado sinteticamente neste estudo, o qual é dotado de um *habitus* enxadrístico e capitais de disputa próprios. A preocupação em como ocorreu o processo de esportivização do xadrez é crucial ante a sua mera classificação como tal. E é a partir de tal delineamento que se avança nas discussões sobre os aspectos que envolvem a formação esportiva desta modalidade neste estudo.

### **2.3. Formação esportiva**

A formação esportiva compreende o processo que oportuniza o desenvolvimento de repertório motor individual conjunto às capacidades humanas necessárias para a prática esportiva. Nela, metodologias e procedimentos pedagógicos de treino atuam sincronicamente com agentes sociais que intervêm de modo a influenciar a trajetória do praticante desde o seu início até a idade adulta, como familiares, treinadores, amigos, torcedores e dirigentes. Devido às particularidades próprias de cada modalidade esportiva, torna-se pertinente a investigação dos contextos específicos em que ela pode se dar, como é o caso, neste estudo, do xadrez. Evidencia-se, deste modo, a necessidade do questionamento de como se dá a formação esportiva sob os aspectos pedagógicos e sociais que a constituem.

Proposto por Côté, Baker e Abernethy (2007), o *Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva* ilustra, coeso ao conceito de formação esportiva acima exposto, as possíveis trajetórias resultantes da participação de um indivíduo no esporte. São elas: a) participação recreativa através da experimentação variada; b) alto rendimento através da experimentação variada; e c) alto rendimento através da especialização precoce. Os diferentes estágios pertencentes a uma mesma trajetória baseiam-se nas mudanças da forma e frequência com que se dá o engajamento esportivo por um indivíduo.

A partir do modelo, é possível observar que duas das trajetórias possíveis, a participação recreativa através da experimentação variada e o alcance do alto rendimento através da experimentação variada, possuem justamente os anos de experimentação variada como pressuposto para uma iniciação que possibilite maiores chances de engajamento em futuras práticas esportivas e o desenvolvimento de capacidades atléticas favoráveis pelo indivíduo, a qual ocorre geralmente entre os 6 aos 12 anos de idade. Depois deste período, caracterizado pelo prazer da prática da modalidade e manutenção da saúde, os participantes são capazes de escolher entre a permanência da prática em um nível recreativo (anos recreativos, dos 13 anos de idade em diante) ou a progressão a um nível em que o desempenho é a preocupação primária (anos de especialização, dos 13 aos 15 anos de idade; anos de investimento, dos 16 anos de idade em diante). É importante notar que estas duas trajetórias possuem desfechos diferentes em termos de seus desempenhos esportivos, mas levam a benefícios psicossociais e de saúde que se assemelham. Já a terceira trajetória, o alcance do alto rendimento através da especialização, enfatiza a obtenção de um desempenho esportivo de elite por um praticante através do fenômeno da especialização precoce, obstante a consequente redução da saúde e do prazer proporcionado pela prática da própria modalidade.

O sucesso no desenvolvimento esportivo, de acordo com este modelo, está intimamente relacionado à natureza das atividades de aprendizagem vivenciadas pelo praticante. Os termos prática deliberada e jogo deliberado, destarte, compõem categorias fundamentais propostas pelos autores para a compreensão do desenvolvimento formativo no esporte. O termo prática deliberada reserva-se à designação de atividades estruturadas nas quais o foco principal se dá no desenvolvimento de habilidades e elevação do rendimento esportivo. O termo jogo deliberado, por sua vez, é utilizado para descrever atividades realizadas com o objetivo primário do prazer intrínseco e, não obstante,

aquisição do melhor rendimento possível (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). Em suma, enquanto a prática deliberada se caracteriza por atividades realizadas para atingir fins específicos, de maneira rígida e se utilizando de regras explícitas com a preocupação com o resultado do comportamento do indivíduo, em contraponto, o jogo deliberado caracteriza-se por atividades em que são priorizados o prazer e a realização individual, com a utilização de regras flexíveis e preocupação primária com a qualidade do comportamento do praticante.

O *Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva* apresenta, enfim, a articulação entre as possíveis trajetórias vivenciadas por um praticante desde a sua inserção no campo esportivo. A distinção entre tais trajetórias é realizada através de suas características, principalmente a partir da forma com que se apresentam as categorias de prática deliberada e jogo deliberado anteriormente mencionados. Para além disto, a relação destas com a idade cronológica em que se encontra o indivíduo também é sugerida pelos autores. A Figura 1, a seguir, ilustra o modelo apresentado:

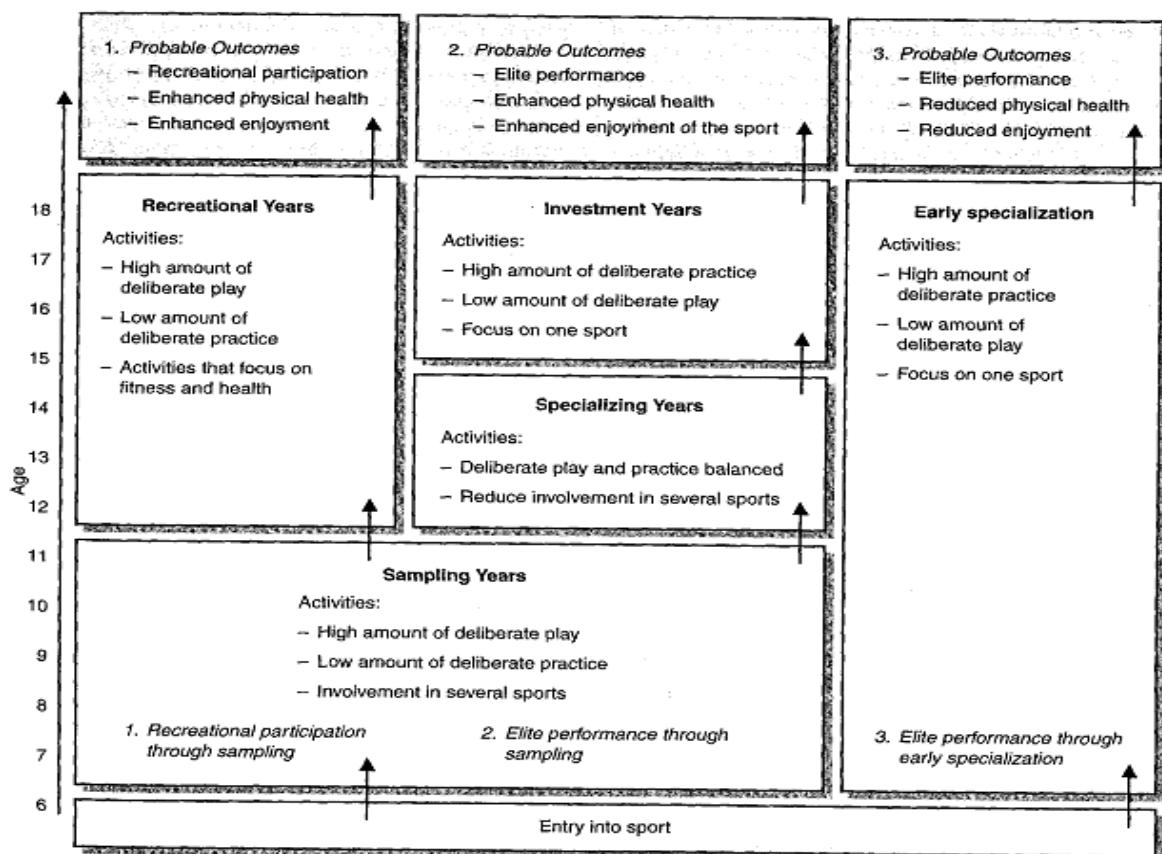


Figura 1 – *Modelo de desenvolvimento da participação esportiva* (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

- a) Participação recreativa através da experimentação variada: tal trajetória considera que a iniciação da prática de uma modalidade esportiva deve abranger os anos de experimentação variada, os quais possuem atividades caracterizadas por grande quantidade de jogo deliberado e pequena quantidade de prática deliberada, de modo a proporcionar ao praticante a experiência de distintas modalidades esportivas no período que compreende os 6 aos 11 anos de idade. A extensão dos anos de experimentação variada é representada, por conseguinte, pelos anos recreativos (13 anos de idade em diante), quando os objetivos primários são a manutenção da saúde e o prazer proporcionado pela prática de uma modalidade esportiva. As atividades deste estágio se caracterizam pela grande quantidade de jogo deliberado e pouca quantidade de prática deliberada. Os possíveis desfechos desta trajetória para o indivíduo são a participação recreativa, a melhora da saúde e do prazer proporcionado pela prática esportiva.
- b) Alto rendimento através da experimentação variada: a trajetória da busca pelo alto rendimento através da experimentação variada do *Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva* também considera a inserção de um indivíduo no esporte através dos anos de experimentação variada, os quais possuem atividades caracterizadas por grande quantidade de jogo deliberado e pequena quantidade de prática deliberada, concomitantemente ao oferecimento de práticas esportivas plurais e diversificadas em torno da idade que abrange dos 6 aos 11 anos. Ao contrário dos trajetos anteriores, no entanto, este se difere por ser próprio daqueles praticantes que apresentam propensão à prática orientada prioritariamente à busca pelo alto rendimento e por satisfatórios resultados competitivos. Assim, os anos de especialização seguintes contam com o equilíbrio da execução de atividades de prática deliberada e de jogo deliberado, bem como o envolvimento do indivíduo em apenas uma modalidade esportiva, geralmente, no período que envolve a idade dos 13 aos 15 anos. De acordo com a progressão do estágio de especialização do praticante, a transição para o estágio seguinte, denominado anos de investimento, é realizada. Nesta

etapa, priorizam-se atividades que se caracterizam por grande quantidade de prática deliberada e pequena quantidade de jogo deliberado, com o foco de treinamento específico em apenas uma modalidade esportiva.

- c) Alto rendimento através da especialização precoce: o trajeto da busca pelo alto rendimento através da especialização precoce do *Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva*, ao contrário dos demais, não considera o início da prática de uma modalidade esportiva através dos anos de experimentação variada. Por este motivo, assume-se que nem sempre o indivíduo que percorre tal trajetória vivencia o prazer pela prática e pelo jogo associados a tal período. Deste modo, a inserção e aumento do volume de prática se dariam de maneira precoce pelo praticante, com atividades caracterizadas por grande quantidade de prática deliberada e pouca quantidade de jogo deliberado, objetivando resultados competitivos satisfatórios em uma única modalidade esportiva ainda durante a infância. Os possíveis desfechos desta trajetória são, por conseguinte, o alcance do alto rendimento em detrimento ao prejuízo da saúde física e do prazer proporcionados pela prática esportiva pelo indivíduo.

A análise do *Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva* traz, com efeito, reflexões importantes acerca dos aspectos sociais e pedagógicos que nele encontram-se presentes. A permanência na prática da modalidade esportiva é premissa comum para as trajetórias no modelo consideradas, independente do trajeto de escolha do participante. A continuidade da prática possibilita ao indivíduo a vivência da cultura específica da modalidade por um período prolongado de tempo, o que é fundamentalmente importante quando se considera uma formação esportiva bem sucedida. No entanto, a partir do percurso das diferentes trajetórias possíveis ilustradas, as quais simbolizam o sentido da prática de uma modalidade esportiva conferido pelo praticante, é possível observar que desfechos distintos também emergem como consequência do resultado do processo sócio-pedagógico vivenciado pelo praticante. Assim, as considerações feitas a partir da trajetória percorrida sobre a formação esportiva de um indivíduo devem considerar o sentido da prática conferido à ela e a diferença entre os possíveis desfechos naturais aos seus processos. Ademais, há uma crítica em relação ao trajeto percorrido ao alto rendimento

através do fenômeno da especialização precoce, uma vez que se assume que a probabilidade de manutenção na prática esportiva e alcance saudável do ótimo rendimento e desempenho atlético são, através dela, menores.

À sombra de tais reflexões, emerge o conceito de sucesso esportivo utilizado neste estudo, o qual pauta-se na conjuntura teórica adequada proposta entre o conceito e o modelo de formação no esporte apresentados até então. Considera-se, desta forma, a aplicação do termo sucesso esportivo neste trabalho para se referir à permanência na prática de uma modalidade esportiva até a idade adulta, a disseminação da cultura específica da modalidade e, se justificável, a conquista do desempenho de alto rendimento esportivo por um indivíduo. Em analogia ao xadrez, deste modo, pode-se considerar que, neste estudo, os Grandes Mestres brasileiros compreendem sujeitos de sucesso no campo esportivo ao considerar que estes indivíduos mantiveram a prática da modalidade xadrez até a idade adulta, prolongando-a de forma a vivenciar e disseminar a cultura específica da mesma e, não obstante, alcançando também a titulação máxima conferida a um enxadrista membro da federação internacional desta modalidade, título este que é utilizado neste estudo como critério para designar o alcance do mais alto rendimento no enxadrismo. Em síntese, assume-se, neste estudo, a premissa de que estes sujeitos atingiram certo sucesso em seu subcampo esportivo, além de vivenciarem uma formação esportiva bem sucedida na modalidade xadrez concomitante ao contexto brasileiro em estiveram inseridos.

### 3. MÉTODOS

O presente estudo apresentou uma abordagem qualitativa de pesquisa com a qual se permite investigar áreas sobre as quais há um conhecimento substancial escasso e pouco explorado empiricamente acerca de um determinado fenômeno. Fez-se pertinente, deste modo, a utilização de tal metodologia ao se considerar a carência de investigações referentes aos próprios discursos dos Grandes Mestres brasileiros sob os aspectos socioculturais e pedagógicos relativos à sua trajetória esportiva.

O grupo de participantes deste estudo abrangeu a totalidade do universo dos 11 enxadristas que conquistaram o título de Grande Mestre durante toda a história esportiva da modalidade no Brasil. O critério de escolha destes indivíduos se justificou por ser esta a titulação cuja obtenção exige o mais alto grau distintivo de mérito esportivo necessário a ser apresentado por um praticante da modalidade. Os dados foram coletados através de entrevistas retrospectivas com estes sujeitos, as quais abrangeram categorias propostas por Côté, Ericsson e Law (2005) para a coleta de informações sobre a formação esportiva de atletas desde a iniciação até o alto rendimento. As entrevistas, realizadas por diferentes interlocutores e roteiros de perguntas, encontraram-se disponíveis em sua versão escrita e integral no acervo do site Clube de Xadrez Online (CLUBE DE XADREZ ONLINE, 2014), o qual é fonte reconhecida no cenário nacional como referência de informações e notícias sobre o subcampo esportivo do xadrez. De acordo com Strauss e Corbin (2008), a análise de registros já existentes cuja elaboração não tenha tido a participação do pesquisador não só neles se fundamenta, como se autentica. Tal análise deve considerar os documentos como dados, mesmo que tais registros tenham sido produzidos com objetivos, muitas vezes, bastante distintos. Deste modo, fez-se oportuna a exploração de tais conteúdos, de modo a descrever e interpretar informações possivelmente inexploradas e disponíveis em domínio público.

A Teoria Fundamentada (STRAUSS; CORBIN, 2008; CHARMAZ, 2009) foi adotada como procedimento de análise qualitativa para a codificação dos dados a partir das entrevistas retrospectivas selecionadas. Tal modelo teórico apresenta uma relação próxima entre a coleta e a análise sistemática dos dados, o que faz com que os mesmos derivem temas, eixos e categorias capazes de construir uma teoria consubstanciada em conteúdos relacionados em termos de suas propriedades e dimensões, ausentes quaisquer hipóteses anteriormente analisáveis acerca do fenômeno de pesquisa.

Em “*A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*”, Charmaz (2009) respalda os seguintes componentes constituintes da prática da Teoria Fundamentada: a) o envolvimento simultâneo na coleta e na análise dos dados; b) a construção de códigos e categorias analíticas a partir dos dados, e não de hipóteses preconcebidas e logicamente deduzidas; c) a utilização do método comparativo constante, o qual compreende a elaboração de comparações durante cada etapa de análise; d) o avanço no desenvolvimento da teoria em cada passo da coleta e da análise de dados; e) a redação de memorandos para elaborar categorias, especificar as suas propriedades, determinar relações entre as categorias e identificar lacunas; f) a amostragem dirigida à construção da teoria e não à representatividade populacional; e g) a realização da revisão bibliográfica após o desenvolvimento de uma análise independente. Por fim, coeso a tais componentes, considera-se que uma prática íntegra de tal teoria deve contemplar: um ajuste adequado aos dados, utilidade, densidade conceitual, durabilidade ao longo do tempo, ser passível de alterações e apresentar poder explicativo.

Faz-se necessário destacar um aspecto importante em relação à construção do corpo da amostra na Teoria Fundamentada. Neste método não é possível pré-estabelecer o número final de sujeitos participantes ou dados utilizados. A coleta se inicia e, ao decorrer da análise, o pesquisador determinará as informações seguintes que serão coletadas. O grupo de participantes ou materiais estudados no início da pesquisa é denominado de amostragem inicial, remetendo-se, neste caso, às primeiras entrevistas analisadas.

O corpo amostral final, denominado na Teoria Fundamentada de amostragem teórica, é construído a partir de análises dos dados obtidos na amostragem inicial e a decisão pela continuidade, ou não, do processo de coleta. A amostragem teórica está intimamente vinculada ao conceito de saturação teórica, a qual denota o momento da análise em que a coleta de dados não oferece novas categorias, propriedades e dimensões (STRAUSS; CORBIN, 2008). A amostragem final de uma pesquisa qualitativa deve considerar a sensibilidade do pesquisador de compreensão da lógica interna do grupo ou da coletividade em questão para a determinação da amostragem final (MINAYO, 2006). Com isso, caso este grupo não satisfaça a saturação teórica, é possível consultar mais dados com o objetivo de possibilitar o surgimento de novas categorias ou explicar e aprofundar a análise sobre aquelas já existentes (CHARMAZ, 2009).

Na prática da Teoria Fundamentada, a representatividade populacional pode ser alcançada desde que não se torne a finalidade da amostragem, a exemplo deste estudo. A sua utilidade deve se dar, assim, como intermédio para que a amostragem teórica possa ser alcançada (STRAUSS; CORBIN, 2008).

Neste sentido, o presente estudo avançou ao contemplar ambas as amostragens teóricas e representatividades populacionais de seu grupo de participantes. Enquanto a representatividade populacional fora assegurada através da reunião de exemplares de entrevistas de todos os onze sujeitos que compuseram a população de Grandes Mestres brasileiros, a amostragem teórica certificou-se através da seleção de entrevistas concedidas por um mesmo sujeito, considerado o critério do efeito de saturação dos dados. Ao final, utilizou-se, neste estudo, a quantidade de vinte e duas entrevistas consistentes ao objetivo de refinar e desenvolver as propriedades e dimensões próprias das categorias constituintes da teoria até o alcance de suas respectivas saturações teóricas.

A codificação é o processo central deste delineamento metodológico. Os códigos revelam a forma com a qual o pesquisador seleciona, separa e classifica seus dados para, então, dar início à análise. Para Charmaz (2009), codificar significa categorizar segmentos de dados com uma denominação concisa que, simultaneamente, resume e representa suas especificidades. A autora cita, ainda, que a codificação é o elo fundamental entre a coleta dos dados e o desenvolvimento de uma teoria emergente que possa explicá-los. O processo de codificação pode se apresentar, principalmente, através das seguintes fases: a) microanálise; b) codificação aberta; c) codificação axial; d) codificação seletiva; e e) teorização. Tais fases apresentam um dissenso quanto à sua nomenclatura na literatura, bem como um trânsito livre de emergência ao longo do processo de codificação, o que demonstra que há uma relação próxima e interligada entre elas ao longo de toda a análise:

- a) Microanálise: exame de dados linha por linha realizado no começo de um estudo para gerar e relacionar categorias iniciais, com suas propriedades e dimensões. A análise envolve prioritariamente o exame e interpretação cuidadosos dos dados.
- b) Codificação aberta: processo analítico por meio do qual os dados são separados em partes distintas, rigorosamente examinados e comparados em busca de

similaridades e de diferenças. Eventos, acontecimentos, objetos e ações/interações considerados conceitualmente similares em sua natureza ou relacionados em significado são agrupados sob conceitos mais abstratos, chamados categorias. Uma vez que uma categoria é identificada, deve-se desenvolvê-la em termos de suas propriedades e dimensões, diferenciando-as em suas subcategorias.

- c) Codificação axial: o objetivo desta fase é dar início ao processo de reagrupamento dos dados que foram divididos durante a codificação aberta. A codificação axial relaciona as categorias às suas subcategorias, especifica as propriedades e dimensões e regrupa os dados fragmentados durante a codificação aberta para dar coerência à análise emergente.
- d) Codificação seletiva: é o processo de integrar e de refinar a teoria. A categoria central passa a ter poder analítico. O que dá a ela esse poder é a sua capacidade de reunir outras categorias para formar um todo explanatório. Além disso, uma categoria central também deve ser capaz de responder por variação considerável dentro das categorias. O critério que determina a finalização dos processos de coleta de dados é a saturação teórica, termo que denota que a análise responde por grande parte da possível variabilidade em si, à medida que não surgem novas propriedades e dimensões nos dados.
- e) Teorização: registros no formato dissertativo e/ou em diagramas que expressam um conjunto de conceitos bem elaborados e associados que, em conjunto, constituem uma teoria integrada que pode ser usada para explicar ou antever fenômenos. A teorização requer a dedicação à construção de compreensões abstratas sobre eles e dentro deles. A sua contribuição fundamental consiste no oferecimento de diretrizes à prática teórica interpretativa e não no provimento de um esquema para produzir resultados teóricos.

Os procedimentos adotados nesta pesquisa envolveram a coleta e análise de entrevistas retrospectivas presentes em domínio público de sujeitos homens e adultos. As respostas decorrentes das entrevistas foram tratadas de forma anônima e confidencial. Para

que a identidade dos onze indivíduos fosse preservada, os mesmos foram denominados aleatoriamente por sujeitos de números um a onze. Em sua forma abreviada, S1 à S11.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

À luz da Teoria Fundamentada, a análise qualitativa dos dados tornou emergente a “trajetória esportiva” da grande maestria brasileira como tema central deste estudo, sendo os eixos “aspectos socioculturais” e “aspectos pedagógicos” consubstanciais ao entendimento deste tema. Em cada eixo, os resultados decorrentes do processo de codificação das entrevistas foram descritos e elucidados em recortes de trechos elucidativos de seus achados. Por fim, buscou-se a confrontação destes resultados com a literatura acadêmica produzida, de modo a estabelecer relações para possíveis discussões.

### 4.1. Aspectos socioculturais

Respectivamente, relativas ao eixo “aspectos socioculturais”, foram identificadas as seguintes categorias: a) local de nascimento; b) ano de nascimento; c) iniciação ao xadrez; d) ambiente; e) apoio; f) treinador; g) motivação; h) prática de outras modalidades esportivas; e i) carreira profissional, esta última descrita através das subcategorias “perspectivas” e “contexto brasileiro”. Já em relação ao eixo “aspectos pedagógicos”, despontaram-se as categorias: a) método de treinamento; e b) competições.

O local de nascimento dos participantes compreendeu principalmente as regiões sul, sudeste e nordeste brasileiras. Cinco sujeitos nasceram na região sul do país, representada nas cidades de Curitiba/PR, Joinville/SC, Maringá/PR, Porto Alegre/RS e Santa Cruz do Sul/RS. Quatro indivíduos, por sua vez, nasceram na região sudeste do país, representada nas cidades de São Carlos/SP, São Paulo/SP e Rio de Janeiro/RJ. Já em menor expressão, a região nordeste foi representada nas cidades de Fortaleza/CE e São Luís/MA, referida como o local de nascimento de apenas dois sujeitos.

À priori expositivo, o dado de ano de nascimento dos sujeitos será relevante para as discussões que se seguem sobre o intervalo entre a idade de iniciação ao xadrez e a idade de obtenção do título de Grande Mestre pelo grupo de participantes. Contemporâneos do século XX, dois sujeitos nasceram na década de 1950 (1952, 1957), outros dois na década de 1960 (1962, 1963), três sujeitos durante a década de 1970 (1970, 1978, 1979), outros três na década de 1980 (1985, 1986, 1988) e, por fim, um único sujeito durante a década de 1990 (1990).

O local de residência atual dos sujeitos, por sua vez, se dá por cidades brasileiras e estrangeiras. Sete habitam na região sudeste do Brasil, representada pelas cidades Rio de Janeiro/RJ, Santana do Parnaíba/SP, São Paulo/SP e Taubaté/SP. Apenas um sujeito reside atualmente na região sul do país, representada pela cidade de Curitiba/PR e, de forma semelhante, também um sujeito na região nordeste do país, na cidade de São Luís/MA. Ainda, dois indivíduos atualmente têm a sua residência no exterior, nas localidades de Tbilisi/Geórgia e St. Louis/EUA.

A Tabela 1 ilustra a caracterização do grupo de participantes deste estudo através dos dados acima expostos:

Tabela 1 – Ano de nascimento, local de nascimento e local de residência dos participantes

<b>Sujeito</b>	<b>Ano de Nascimento</b>	<b>Local de Nascimento</b>	<b>Local de Residência</b>
S1	1988	Joinville/SC	Tbilisi/Geórgia
S2	1990	Fortaleza/CE	St. Louis/EUA
S3	1962	Rio de Janeiro/RJ	Rio de Janeiro/RJ
S4	1970	Maringá/PR	São Paulo/SP
S5	1985	São Carlos/SP	São Paulo/SP
S6	1963	São Paulo/SP	São Paulo/SP
S7	1978	Porto Alegre/RS	Santana de Parnaíba/SP
S8	1952	Santa Cruz do Sul/RS	Taubaté/SP
S9	1957	Curitiba/PR	Curitiba/PR
S10	1986	São Paulo/SP	São Paulo/SP
S11	1979	São Luís/MA	São Luís/MA

FONTE: CLUBE DE XADREZ ONLINE (2014).

Mas, como tudo começou? A iniciação ao xadrez, caracterizada ao longo dos aspectos socioculturais ambiente, apoio, treinador e motivação que abrangearam o campo social no qual está inscrito o subcampo esportivo do xadrez foram, através destes aspectos, desenvolvida no transcorrer teórico. Buscou-se, neste modo, desvendar o ambiente e as razões que caracterizaram a fase de início da modalidade que atraiu o interesse deste seletivo grupo de participantes ainda na faixa etária infantil.

Compreendida como o período em que o indivíduo tem os seus primeiros contatos com a prática regular e orientada de uma ou mais modalidades, a iniciação esportiva caracteriza-se por um processo complexo que pode envolver desde procedimentos pedagógicos relacionados à socialização e diversão, abrangendo a preocupação com a educação moral e o desenvolvimento de capacidades físicas e motoras, até atividades que

tenham o resultado da competição esportiva como objeto central (SANTANA, 2001, 2005).

A idade de início ao xadrez demarcou o primeiro contato com a modalidade pelos praticantes. Os dados individuais relativos à iniciação constavam nos discursos de retrospecção dos indivíduos, os quais foram extraídos de suas respectivas entrevistas. Em média, a elite do xadrez brasileiro principiou na modalidade aos  $6,27 \pm 3,06$  anos de idade. Já os dados individuais referentes ao ano de obtenção do título de Grande Mestre pelos sujeitos foram obtidos através dos registros oficiais da Federação Internacional de Xadrez (2014), o qual, em média, foi conquistado aos  $25,09 \pm 7,28$  anos de idade.

A Tabela 2, deste modo, relaciona os dados supracitados de modo a delinear o intervalo entre o início da prática e o alcance do alto rendimento enxadrístico brasileiro:

Tabela 2 – Intervalo entre a iniciação ao xadrez e a conquista do título de Grande Mestre

<b>Sujeito</b>	<b>Idade de iniciação ao xadrez</b>	<b>Idade de obtenção do título de Grande Mestre</b>	<b>Intervalo</b>
S1	3	19	16
S2	5	19	14
S3	11	35	24
S4	5	41	36
S5	10	25	15
S6	5	25	20
S7	2	20	18
S8	5	20	15
S9	11	29	18
S10	6	24	18
S11	6	19	13
<b>Média</b>	$6,27 \pm 3,06$	$25,09 \pm 7,28$	$18,81 \pm 6,47$

FONTE: CLUBE DE XADREZ ONLINE (2014), FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE XADREZ (2014).

Em análise à influência da idade dos participantes nas competições mais representativas do cenário enxadrístico entre os séculos XIX e XX, Krogius (1976) selecionou 32 competidores de nacionalidades diversas que nelas se destacaram, dentre eles titulados e campeões mundiais, obtendo os seguintes resultados, em média: a) um jogador de xadrez atinge os seus melhores resultados em torno dos seus 35 anos; b) o período ótimo de desempenho de resultados consistentes, ao longo da carreira, dura algo

em torno de 10 anos; b) este mesmo período tende a compreender a idade dos 30 aos 40 anos; c) algum declínio na força de jogo é observado geralmente aos 43 anos de idade; d) há um declínio particularmente notável que se inicia aos 47 anos. O autor conclui que, mesmo com estes achados, é precipitado delinear conclusões finais. Entretanto, o mesmo infere que a longevidade da carreira de sucesso de um jogador de xadrez depende não só de sua saúde e idiossincrasia, mas tem direta relação com a criatividade, intelecto e personalidade presentes durante a vida destes destacados jogadores.

A idade de iniciação ao xadrez, de maneira menos óbvia, também se apresenta como fator importante que influencia o período ativo da carreira de um jogador de xadrez (KROGIUS, 1976). Segundo o autor, vários enxadristas têm evidenciado, em suas autobiografias, o interesse imediatamente posterior aos primeiros contatos proporcionados por esta modalidade. Tal achado demonstra que o início da formação esportiva destes jogadores foi bem sucedida uma vez que, a partir dela, os mesmos jogadores inclinaram-se à continuidade da prática ao decorrer de suas vidas, fato este que corrobora com as condições favoráveis com as quais se deu o sucesso da iniciação esportiva da grande maestria brasileira reveladas neste estudo. Entretanto, não deve-se confundir os momentos de primeiro contato com o xadrez e de aquisição do interesse pelo mesmo como sendo estes os critérios de diferenciação entre as fases de iniciação e especialização esportivas da modalidade, respectivamente. O autor alerta que estes momentos são declarados, na maioria das vezes, de modo subjetivo pelos próprios jogadores, o que pode torná-los frágeis por este motivo. É importante lembrar que os procedimentos para coleta de dados válidos advindos de informações que se remetam à trajetória esportiva de atletas de alto rendimento têm evoluído desde o estudo deste autor, a exemplo da investigação realizada por Côté, Baker e Law (2005) que desenvolve a proposta de um procedimento válido para o tratamento das informações advindas de entrevistas retrospectivas que se remetam à formação esportiva de atletas de alto rendimento, a qual subsidia o presente estudo.

A relação entre a idade de início ao xadrez e o sucesso nesta modalidade esportiva também fez parte da investigação de Krogius (1976), o qual analisou a carreira de 60 Grandes Mestres de destacado desempenho à época de seu estudo. O primeiro resultado observado foi que a média de idade de início destes jogadores foi de 10,5 anos, contrastando com a precocidade da média de  $6,27 \pm 3,06$  anos encontrada no presente estudo. A segunda observação constatada foi o declínio do desempenho dos resultados

alcançados por vários destes jogadores de maneira não uniforme após o seu período ótimo de desempenho, o qual foi determinado pelo autor como o período em que foram alcançados os mais consistentes resultados durante a carreira esportiva. Curiosamente, verificou-se a existência de algo como um segundo pico de ótimo desempenho após este declínio, durante o qual fora atingido um nível similar de desempenho ao primeiro período ótimo de desempenho apresentado pelos jogadores. Em certos casos, ainda, este segundo pico ultrapassava o desempenho atingido no primeiro.

Segundo Krogius (1976), a ocorrência do segundo pico de desempenho está relacionada com a idade de início ao xadrez. Para relacionar a idade desta iniciação ao período ótimo de desempenho de um enxadrista, o autor realizou nova análise separando a sua amostra em dois grupos que se distinguiram pela iniciação anterior ou posterior à média de 10,5 anos de idade anteriormente citada. As análises sugeriram que os jogadores que começaram cedo (antes dos 10,5 anos de idade) tiveram uma carreira esportiva ativa mais longa em relação àqueles que começaram mais tarde (depois dos 10,5 anos de idade). Aqueles que fizeram parte do primeiro grupo foram introduzidos ao xadrez, em média, aproximadamente 8 anos mais cedo (6,4 anos, em média) em relação ao segundo grupo (14,3 anos, em média), enquanto que a duração média do seu período criativo de desempenho ótimo (15,5 anos) também foi 3,7 anos mais longa em relação ao segundo grupo (11,8 anos). Assim, o autor infere que um início relativamente precoce no xadrez não só promove o prolongamento do período de desempenho ótimo do jogador como adia o seu declínio. Adicionalmente, o autor também encontrou que o início precoce favorece o prolongamento do período de desempenho ótimo de um enxadrista em até 4 anos comparado aos iniciantes tardios da modalidade. A referida iniciação precoce corrobora com o princípio anterior aos 10,5 anos de idade com que se também se deu, em média, o início da formação esportiva dos Grandes Mestres brasileiros ( $6,27 \pm 3,06$  anos de idade), o que pode indicar, segundo o estudo do psicólogo soviético, influência positiva no período ativo prolongado de suas carreiras.

O segundo pico de desempenho ótimo de um enxadrista caracteriza-se como uma fase curta de duração média de um pouco menos de 1 ano (KROGIUS, 1976). As estatísticas do mesmo estudo demonstraram que a duração do primeiro período de desempenho ótimo é cerca de 10 vezes maior do que o seu segundo pico, sendo de 6 anos o intervalo médio entre eles. Todavia, um declínio abrupto do nível de jogo foi notado após a

ocorrência do segundo pico de desempenho ótimo, o que contrasta a relativa lenta e gradual recessão de desempenho que caracteriza a passagem entre o primeiro período de desempenho ótimo e o seu correspondente segundo pico. A comparação entre a idade de iniciação ao xadrez e o segundo pico de desempenho ótimo trouxe, também, a ocorrência deste último principalmente no grupo de iniciantes tardios na modalidade. Há de se considerar, entretanto, a curta duração e o declínio abrupto do nível de jogo característicos deste segundo pico, o que pode culminar em um afastamento repentino e indesejável da carreira por um jogador de xadrez.

Krogius (1976) também comparou a idade de iniciação ao xadrez à obtenção dos primeiros resultados significativos da carreira dos jogadores. O grupo que iniciou tarde na modalidade levou 11,7 anos para a obtenção de suas primeiras conquistas, enquanto que 16,3 anos foram necessários para o grupo que iniciou precocemente, vantagem de 4,6 anos em relação ao primeiro grupo. Com isso, o autor conclui que a duração do período de desempenho ótimo de um enxadrista não depende só da idade de início ao xadrez, mas de métodos aperfeiçoados de treinamento durante a adolescência que possam colocar em níveis similares de disputa os iniciantes tardios na modalidade em relação aos seus pares que apresentaram um início precoce. O autor sugere, ainda, que para avaliar se o contato precoce com o xadrez é benéfico ou não para um jogador, é preciso investigar as características do pensamento de um enxadrista durante a infância. Em outras palavras, o sentido que foi dado à prática durante esta fase, o qual será discutido posteriormente no presente estudo.

Por último, a relação entre a idade de início ao xadrez e a ocorrência de falhas de análise de apenas um único lance nas partidas de quarenta enxadristas de alto rendimento, complementarmente, também fora tema de pesquisa de Krogius (1976). Em 1500 partidas analisadas, apenas 4% apresentaram este tipo de erro, o qual se constitui em uma falha de análise pouco verificada em um jogador de alto rendimento no xadrez. Relacionado com a idade de iniciação na modalidade, tal erro apresentou características bastante desiguais entre os grupos. Os representantes do grupo de início tardio cometem duas vezes mais erros comparados aos iniciantes precoces. Com isso, o autor conclui que os iniciantes precoces na modalidade cometem, assim, significativamente menos erros simples de análise comparados aos seus pares que iniciam tarde. O autor ressalva, ainda, a tendência de partidas com alto teor de combinações durante a infância, o que pode

colaborar para o acúmulo de experiências concretas que, futuramente, serão traduzidas na melhora da percepção intuitiva de posições específicas encontradas em uma partida. Assim, afere-se que o alto caráter de combinações das partidas infantis (fato que se deve às características psicológicas da criança durante a infância, aponta o autor), se vivenciado de maneira inicial, estimula a aquisição da maestria tática que se faz tão essencial a qualquer jogador que venha futuramente a tornar-se um profissional do xadrez.

Em casa, influenciados pelos pais, os jovens aspirantes à grande maestria reconheciam o conjunto de trinta e duas peças que se tornariam determinantes ao longo de suas vidas. O ambiente em que se deu a prática do xadrez pelos sujeitos deste estudo versou entre o espaço familiar, escolar, clube, biblioteca pública e, finalmente, o espaço do clube de xadrez. De modo unânime, todos os sujeitos relataram que o primeiro contato com o universo das sessenta e quatro casas se deu extensivamente em ambiente familiar, com influência direta dos pais:

“Comecei a aprender quando tinha entre 3 a 4 anos. Eu era uma criança curiosa, e quando via meus pais brincando em casa, queria saber o que eles estavam fazendo. Acho que nessa época eu literalmente ‘jogava’ as peças... Mas depois que aprendi, peguei gosto e nunca mais pensei em fazer alguma outra coisa da vida! (S1)”.

“Comecei a jogar xadrez de 3 para 4 anos e aprendi com meus pais. Eles brincavam em casa e eu, como criança curiosa, queria saber o que faziam. Por isso me ensinaram cedo e, para mim, xadrez foi aprendido assim como ler e escrever... (S1)”.

“Eu jogo xadrez desde que me tenho por gente, para falar a verdade, porque era um jogo que o meu pai gostava quando garoto, mas nunca chegou a se dedicar. Era um hobby que ele acompanhava. E quando eu ainda era pequeno, tinha uns dois anos, em vez de ele ficar bravo quando eu derrubava as peças, resolveu me ensinar a montar o tabuleiro. E sempre que a gente ia jogar eu montava o tabuleiro. Depois, ele resolveu me ensinar a mexer as peças e, assim, com três ou quatro anos eu comecei a jogar. Eu jogava em casa, como passatempo [...]. (S7)”.

À luz da sociologia de Pierre Bourdieu, Nogueira e Nogueira (2004) explicitam que, segundo o autor, cada indivíduo é caracterizado em termos de uma bagagem socialmente herdada, a qual inclui componentes objetivos como os capitais econômicos, sociais e culturais transmitidos pela família. Os capitais culturais, segundo Bourdieu, constituem-se como os elementos da herança cultural familiar que terão a maior definição

sob o destino da vida de um indivíduo. Os primeiros passos da elite do xadrez brasileiro, deste modo, conceberam-se em um berço de capitais culturais valiosos, envolto por um meio que o retrata como prolongamento de uma educação familiar de indivíduos culturalmente favorecidos. A prática do xadrez, neste sentido, aparece como uma espécie de herança cultural familiar passível de uma transmissão social que ocorre ao longo de gerações em seu seio.

Assim como a educação, a prática do xadrez aparece também como um processo que, essencialmente, é incorporado ao âmbito familiar. Por sua vez, é também no lar onde se encontram os primeiros agentes introdutores da modalidade, os pais. É importante lembrar que, para Bourdieu, a socialização primária dos indivíduos se faz de grande valia sobre as suas experiências ulteriores, marcando-as duravelmente (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2004). Assim, pode-se inferir que a relação de intimidade dos indivíduos deste estudo com o xadrez se tornou possível e desdobrou-se em seu ápice em decorrência de um início demarcado por uma pedagogia familiar, incorporada por estes sujeitos na forma de um *habitus* enxadrístico. Não por acaso, alguns dos pais ainda acumulavam um histórico de envolvimento competitivo e/ou educacional com o universo do enxadrismo, bem como os demais indivíduos que compunham o núcleo familiar:

“Meus pais jogam mais por diversão, minha mãe já chegou a jogar Jogos Abertos e deu aula de xadrez em escolas quando morávamos em Jaraguá do Sul, Santa Catarina. Meu pai chegou a ser campeão paranaense juvenil, e até hoje joga torneios quando consegue um tempinho. Esse ano, ele conseguiu por fim, completar os blocos de *rating* e saiu com 2017 de FIDE”. (S1)

“Meu pai quem ensinou. Ele dizia que me via resolver os quebra-cabeças menores com as peças voltadas para baixo. Meu tio, quando jovem, ensinou meu pai que achou uma boa ideia me ensinar. Aprendi a jogar com 6, 7 anos”. (S10)

“Aprendi a jogar ensinado por meu pai, quando tinha 6 anos. Meus irmãos também jogam, portanto o xadrez sempre esteve presente em meu ambiente familiar. Meus pais sempre me apoiaram e fizeram o possível para que eu desenvolvesse meu jogo”. (S11)

A transição entre os ambientes frequentados para a prática desta modalidade parece apresentar certa ordem de sequência. Após os primeiros lances caseiros, os ambientes escolares, do clube socioesportivo e do clube de xadrez apareceram, sucessivamente, como

os espaços de maior frequência vivenciados pelos sujeitos. Alternativa às aulas de Educação Física, a prática relatada em ambiente escolar não se deu como consequência de um componente curricular obrigatório e específico para o xadrez:

“[...] Comecei a jogar com alguma frequência na quarta série, quando a alternativa para a aula de Educação Física era a aula de xadrez. No ano seguinte, quando já tinha criado gosto pelo jogo, ia todo sábado no clube, onde além do professor tinha vários meninos mais ou menos da minha idade, fazendo se tornar bem mais divertido”. (S5)

Através do discurso, percebe-se a relevância dos objetivos e sentidos adotados pela prática na iniciação esportiva, sobretudo em contexto escolar. Neste ambiente, os mesmos derivam, em grande parte, do modo como o profissional de Educação Física e Esporte direciona a sua forma de atuação (MARQUES et al., 2014), a qual se encontra intimamente relacionada ao despertar do gosto e continuidade da prática pelo público infantil, conforme explicitado no discurso de S5.

Posterior, o ambiente do clube socioesportivo difere-se do ambiente do clube de xadrez à medida que este último é caracterizado por um espaço próprio de disseminação da cultura e da prática da modalidade, enquanto que o primeiro se distingue por ser uma instituição que o aborda como uma das opções de atividades de lazer para seus associados. Ainda, é possível notar no trecho acima a transição do sujeito entre o ambiente escolar e o ambiente do clube socioesportivo. Primeiramente adquirido através das aulas escolares, o prazer pela prática motivou o indivíduo de modo que o mesmo buscasse ambientes que pudesse dar sequência a ela. No caso de S5, este ambiente foi o clube socioesportivo. Para S9, a biblioteca pública.

No mesmo trecho, é possível identificar a importância da presença de outros praticantes de faixa etária semelhante no contexto de prática. A convivência com os pares infantis, segundo o sujeito, tornava os treinamentos mais divertidos e, consequentemente, também motivador e atrativo o ambiente de treinamento. O mesmo ratifica-se no discurso de S7:

“[...] Eu jogava em casa, como passatempo. Com oito eu fui para o Clube Paulistano de São Paulo e lá eu comecei a ter algumas aulas de xadrez. E com isso, eu passei a me dedicar um pouco mais, eu via como eram o treinamento, as competições. Eu passei a gostar muito do ambiente. Uma

das coisas que mais me motivaram foi o ambiente, os amigos que eu fiz lá no clube e as viagens”. (S7)

Transcorrentes, as motivações ao longo da trajetória esportiva dos atletas foram bastante abrangentes, oscilando conforme a fase da formação esportiva em que se encontrava o praticante. São motivos de engajamento e continuidade da prática do xadrez o apelo artístico, científico e desportivo da modalidade, o apoio social, o reconhecimento, a herança familiar, a realização pessoal do indivíduo e a representatividade nacional. A falta de motivação através da estagnação em uma “zona de conforto” também emergiu como categoria na fase específica após a conquista do título de Grande Mestre.

Reconhecido pela comunidade enxadrística, o tríplice componente artístico, científico e desportivo do xadrez foi relatado como motivo de inspiração principalmente na fase após a conquista da grande maestria. O apelo artístico da partida, obra de autoria destes compositores, passa a ser mais valorizado em detrimento ao apelo competitivo da mesma e à objetividade de seus resultados, os quais possivelmente eram dotados de maior importância em um período anterior à obtenção do título vitalício:

“[...] É inigualável a beleza de uma composição artística, uma manobra inesperada no meio-jogo e outras diversas sutilezas que eu encontro no jogo [...]. (S1)

“Esse ano eu estou mais motivado, talvez eu tenha conseguido me ajustar a uma nova forma de pensar competitivamente. Hoje eu quero aprender posições novas, jogar posições novas, experimentar coisas novas. Mas eu não sei, eu não estou tão preocupado em onde isso vai levar em termos de resultados, mas a minha satisfação hoje é grande nesse sentido”. [...] Existem várias formas de você se motivar, não é só pelos resultados. Existe até um apelo artístico do jogo, não é só o apelo competitivo. Há muitas formas, você tem que buscar isso dentro de você”. (S4)

Já descrito como fator motivador em uma fase inicial da modalidade, o apoio social mostrou-se também como incentivo ao estímulo de sua continuidade. Desta forma, as amizades construídas nos diferentes ambientes de prática, sobretudo competitivos, mostraram-se consequência de uma esfera cordial e agradável no ambiente de treinamento, o que não só possibilita o fortalecimento dos laços de amizade entre a comunidade enxadrística, como estimula a frequência dos participantes e sua presença nas competições:

“[...] Outra coisa indispensável são as amizades criadas durante os torneios, sempre existe um clima muito cordial e agradável que faz com que todos os praticantes se sintam animados a sempre seguir jogando”. (S1)

“[...] Uma das coisas que mais me motivaram foi o ambiente, os amigos que eu fiz lá no clube e as viagens. Então, isso daí foi um momento importante para eu começar a jogar”. [...] Tenho muitos amigos e adoro o ambiente dos torneios [...]. (S7)

Lema da Federação Internacional de Xadrez (FIDE), a expressão latina “*gens una sumus*”, no português, “*somos uma raça, somos um povo, ou, ainda, somos uma família*”, é máxima que representa o simbolismo da universalização e espírito de unidade deste grupo social. À parte das disputas estabelecidas neste campo, há um consenso acerca da cordialidade e cavalheirismo presentes nas relações entre os indivíduos deste *ethos*:

“[...] Existem pessoas que veem no xadrez um porto seguro muito interessante porque é um jogo onde elas não dependem de ninguém, onde elas podem treinar sozinhas. O jogo tem uma beleza, tem um lado artístico que dá prazer, elas podem jogar os campeonatos. Mas a verdade é que a comunidade do xadrez é muito extrovertida entre si. Então, todo jogador acaba se conversando, tem uma cordialidade. O lema da Federação Internacional de Xadrez – FIDE, “*Gens Una Sumus*”, é uma verdade. Os campeonatos são longos, as pessoas conversam, interagem, há a análise após a partida. Há uma socialização muito grande. Acho que o xadrez é um esporte muito sociável”. (S7)

O reconhecimento pelo mérito esportivo alcançado também se constituiu motivação dos relatos. Os trechos abaixo elucidam, primeiramente, o prestígio de S3 com o título de melhor jogador do mundo (setembro de 2003) e, em seguida, o segundo trecho traz o *feedback* positivo do treinador de S7 que reconhece o seu talento:

“Com muita alegria. Estar ao lado de Kasparov, Karpov, Anand (o escolhido em outubro de 2003) é uma honra. O fato de ter sido um site russo conceituado me enalteceu muito. É como se um dos principais sites de futebol no Brasil escolhesse um russo para ser o melhor do mundo na modalidade. Ter sido reconhecido na pátria do xadrez foi altamente gratificante, e ainda mais sendo o primeiro latino-americano a alcançar este feito”. (S3)

“[...] Eu acho que tive um bom princípio. Até meus 12 anos eu era um jovem muito talentoso [...]. (S7)

Sobre o talento de S7, Gould (2007) recorda que as crianças devem desenvolver diferentes habilidades na fase de iniciação esportiva. Obter destaque em determinada modalidade não significa que a criança apresente gosto por ela. Daí a importância em experimentar uma gama de variedades de atividades com o fim de possibilitar a descoberta por aquela em que haja a maior identificação e, não necessariamente, aquela em que o talento se sobressaia.

A herança familiar, anteriormente discutida, também compôs primordial motivação durante a fase de iniciação ao xadrez. É interessante notar a alteração de sentido da prática ao decorrer da formação esportiva dos sujeitos. De simples passatempo à carreira profissional, é fato que a influência da família fora fundamental para que o xadrez e os sentidos a ele atribuídos pudessem se modificar ao longo do percurso de vida dos atletas:

“Eu via meus pais jogando por brincadeira e fiquei curioso. Eles me ensinaram e gostei, depois disso não parei mais”. (S1)

“[...] Daí meu pai imaginou que poderia ser uma ideia me ensinar os movimentos desse novo jogo. Depois de muitas e muitas derrotas contra ele, comecei a ter aulas e aos poucos aquele passatempo se transformou em grande parte do que eu sou hoje”. (S10)

Dar à prática um sentido prazeroso e divertido nos primórdios de sua aprendizagem é fundamental, sobremaneira, para a continuidade da criança na prática do xadrez...

“[...] Eu me divertia jogando e isso já estava bom para mim. Grande Mestre era um tipo de criatura mística”. (S5)

“Eu tive muito contato com o xadrez nesta época, dos 8 aos 12 anos. É claro que eu também tinha que estudar, mas eu não gostava, só gostava de jogar e brincar [...]”. (S7)

... E, se possível, para o cultivo de um ambiente saudável em que o alto rendimento também possa, como consequência de uma formação bem sucedida, emergir e se desenvolver. Baker (2003) aponta que a participação lúdica do público infantil em uma única modalidade esportiva não deve ser confundida com a especialização esportiva precoce, vinculada à busca por resultados ótimos ainda na infância. Consoante, o sentido empregado à prática é determinante nesta distinção (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008). De forma exemplar, S10 demonstra tal consciência:

“[...] Para as crianças, o que eu gosto de ressaltar sempre é que o xadrez deve ser praticado com prazer, acima de tudo. Afinal das contas, ninguém gosta de fazer o que não quer né? Parece meio óbvio, mas na prática não é. Eu falo isso, pois muita gente que está começando, e de fato está motivada, acaba parando cedo por razões diferentes. Às vezes, pressão dos familiares, outras vezes pode ocorrer um esforço muito grande para certo campeonato e a frustração que vem depois, em caso de não sucesso é muito negativa. Por isso, antes de mais nada, divirtam-se [...].” (S10)

A magnitude do fascínio de um atleta de alto rendimento pela sua modalidade esportiva, seja ela qual for, é uma questão difícil de ser respondida. Próxima subcategoria, a realização pessoal buscou evidenciar a gama de motivações especialmente intrínsecas aos jogadores, as quais são responsáveis pela paixão e identificação da grande maestria brasileira pelo xadrez. Sem dúvidas, esta é uma elite apaixonada pelo seu campo:

“[...] Não consigo me ver fazendo outra coisa a não ser jogar xadrez. Acho que se um dia eu for um professor de matemática ou um vendedor é porque alguma coisa deu errado. Eu jogo xadrez, a vida é só um *hobbie* [...]”. (S1)

“O xadrez deve representar uns 80% da minha vida até hoje. Por meio dele já fui a diversas cidades e países que eu nunca imaginaria conhecer, tive contato com pessoas de todas as idades e regiões do Brasil e do mundo. Gosto de pensar que ao longo desses 16 anos de prática (aprendi aos 6), fiz uma faculdade de graduação, um mestrado e um doutorado nesse esporte. Abri mão de muitas coisas para me dedicar integralmente, mas cresci muito desde o primeiro momento e não me arrependo de ter vivido dessa maneira até hoje”. (S10)

A expressividade do trecho “[...] Eu jogo xadrez, a vida é só um *hobbie*...” é enorme nesta fala, e não apenas nela. A compreensão de tal expressão é significativa para o sentido da subcategoria realização pessoal. Os Grandes Mestres em voga atribuem ao xadrez um valor simbólico que ultrapassa a própria vida, a qual parece ser insuficiente para dar conta da compreensão da complexidade de suas significações. Assim, torna-se compreensível a motivação advinda da realização pessoal pela busca de desafios e limites de desempenhos pessoais consoantes à complexidade de sentidos atribuídos a este esporte:

“[...] O jogo em si é fascinante, pois é extremamente rico e complexo. É um desafio constante. Poderia discorrer muito mais, mas no fundo é uma grande paixão”. (S7)

“É difícil dizer o que me atraiu no xadrez, provavelmente, o fato de que o jogo é um jogo perfeito para minha personalidade interior”. (S11)

No mesmo sentido, a representatividade nacional traduz a motivação patriota de representação dos sujeitos de seu próprio país através de suas conquistas esportivas. A solidariedade ao simbolismo verde e amarelo foi representada nos discursos abaixo. O primeiro refere-se ao momento da conquista de uma competição mundial. O segundo discurso, por sua vez, retrata o significado da participação em campeonatos nacionais:

“Uma cena que me marcou muito foi quando eu estava num palco, recebendo o troféu de vice no mundial e vi a felicidade do pessoal do Brasil que estava lá comigo. Foi lá que vi o quanto o esforço é gratificante”. (S1)

“[...] Para mim é uma grande honra e felicidade jogar o campeonato nacional. É uma emoção participar do campeonato de seu país. É uma felicidade parecida a de representar o país na Olimpíada. Eu me sinto feliz e não me importo de perder *rating* ou qualquer outra consideração de prestígio que outros possam fazer. É o campeonato de seu país e ponto. Estarei participando sempre que possível!”. (S3)

Por fim, a falta de motivação também foi evidenciada por um único sujeito em um período específico após a conquista do título vitalício de maior distinção da modalidade. Manter a motivação durante longos anos de estudo e prática do xadrez é uma dificuldade enfrentada pelos jogadores que atingem níveis técnicos altos ao longo de sua formação. A trajetória nem sempre é contínua, mas caracterizada por períodos de notável melhora ou relativo declínio no que se refere ao desempenho enxadrístico competitivo de um jogador (GOBET; JANSEN, 2004).

“Em relação a 2012, 2011, período logo em seguida que eu cheguei a Grande Mestre, onde faltava motivação sobre o que eu iria fazer, o que eu queria né, na verdade. [...] Mas eu diria assim, pra um jogador o principal problema que eu vejo é a motivação, eu vejo isso porque eu senti isso. Então as pessoas têm que buscar essa motivação, não sei como, é uma coisa que me intrigou eu acho”. (S4)

A “zona de conforto” aparece como expressão utilizada para designar um desempenho cômodo, limitado e seguro do jogador. É importante notar que o conforto, aqui, é uma situação gerada após a conquista deste título e, por isso, emergente neste período em específico:

“Eu acho que um dos problemas onde a gente para de evoluir é que as nossas concepções elas não mudam, elas passam a não mudar. Essa não mudança eu acho que gera a estagnação. [...] É a zona de conforto a principal responsável pela estagnação do conforto. É muito preocupante se você está ganhando as partidas do mesmo jeito, se você tá empatando as partidas do mesmo jeito e se você está perdendo as partidas do mesmo jeito. Isso é muito preocupante e é o que eu estou tentando mudar. Essa é a minha principal motivação: se eu perco diferente, se eu ganho diferente e se eu empato diferente”. (S4)

Categoria seguinte, o apoio recebido no transcorrer da trajetória esportiva foi evidenciado através dos discursos de cinco atletas. Destes, quatro sujeitos relataram ter obtido apoio familiar, três relataram tê-lo recebido de amigos, enquanto que um sujeito o recebeu através de seu clube e, similarmente, outros dois relataram ter recebido benefícios através de patrocínios. Um único sujeito relatou a ausência de qualquer apoio externo financeiro até a obtenção de seu título.

Prevalecente, o apoio familiar se mostrou importante durante toda a formação esportiva destes atletas, sobretudo em sua fase inicial. Como processo educacional que é, a iniciação esportiva é caracterizada por componentes socioculturais que envolvem não somente o atleta, mas também o apoio dos agentes sociais que o circundam e exercem influência sobre a sua formação, tais como treinadores, familiares, colegas e empresários. (MARQUES et al., 2014). Desta forma, torna-se importante considerar o apoio de tais atores que figuram no processo de formação esportiva de um indivíduo. O apoio de clubes e de amigos foi manifestado principalmente pela oferta de aulas com treinadores renomados e auxílio financeiro em competições. O apoio advindo de patrocínios, por sua vez, mostrou-se breve e pontual em suas ações. O trecho abaixo exemplifica as transições percebidas entre os tipos de apoios recebidos pelos atletas:

“No início meu pai foi um grande incentivador, o próprio Clube Paulistano me ajudou como podia e até os 11 ou 12 anos as aulas com o amigo e MI Pelikian foram muito importantes. Tive a oportunidade de ter algumas aulas de finais com os MI's James Toledo e Herman Claudius, e também estudei algumas vezes com o GM Milos. [...] Fora isso, também diria que os breves patrocínios que tive (principalmente dos chicletes *Bubbaloo*) ajudaram bastante, pois pude participar de torneios internacionais”. (S7)

O patrocínio de uma universidade do exterior também ocorreu através de um discurso, oportunidade esta que possibilitou ao atleta o seu desenvolvimento pessoal e esportivo, além da melhora da qualidade de vida de sua família. A alta competitividade por lá, no entanto, foi uma dificuldade apontada, sendo acirrada à medida em que há um número maior de jogadores titulados em relação ao número brasileiro no país de destino do atleta, os Estados Unidos:

“A GM Susan Polgar me convidou pra jogar o *Spice Cup* em 2009 aqui na *Texas Tech* e, durante o torneio, começou o meu recrutamento. Minha esposa e todos no Brasil acharam o máximo a oportunidade de vir estudar aqui nos EUA e a ideia foi levada adiante. [...] A vida nos EUA pra um GM não parece as mil maravilhas. A concorrência aqui nos EUA é muito forte e é até difícil conseguir condições pra alguns torneios abertos”. (S2)

A relação entre o apoio familiar, local de nascimento e o contexto brasileiro de popularidade da modalidade é bastante próxima, uma vez que a maioria das competições importantes do certame nacional acontece, em maior número, nas regiões sul e sudeste do país. A necessidade do apoio familiar para a evolução do atleta, sobretudo na fase de iniciação da modalidade, é clara no discurso de S11. Aos 15 anos, o indivíduo abandonou o lar e a família em busca do sonho de se tornar um Grande Mestre. Atualmente, o quadro tem se alterado em direção à democratização das regiões em que acontecem as principais disputas nacionais:

“Foi uma decisão muito difícil e sofrida, mas necessária para seguir com o sonho de ser um profissional de xadrez. Hoje em dia, com computadores potentes e clubes na internet, é possível jogar bem morando em qualquer lugar, mas na minha época a única forma de se desenvolver era morando em uma cidade próxima aos torneios. Meus pais me incentivaram, mas foi difícil para todos”. (S11)

A ausência de qualquer apoio externo financeiro foi notado apenas no discurso de S6. Faz-se a pertinente a ressalva de que embora o atleta não tenha recebido um apoio de tal natureza, o recebeu através de sua família e amigos. A dificuldade em se obter um apoio financeiro em solo brasileiro, bem como as discussões acerca da visibilidade e popularidade do xadrez no Brasil será adiante discutida nos desdobramentos das subcategorias perspectivas e contexto brasileiro da categoria carreira profissional deste estudo:

“No Brasil o esporte é muito pouco popular, portanto conta com menor visibilidade, apoio e injeção de dinheiro. Há poucos torneios. É muito complicado conseguir patrocínio e apoio de clubes”. [...] Recebi apenas [apoio] de amigos e da minha família. Não tive nenhum grande auxílio de um clube ou patrocinador, por exemplo. [...] Eu não tive apoio e consegui. Tem que ter muita dedicação e empenho, mas dá”. (S6)

Figura central no processo de formação esportiva, o treinador foi representado através de jogadores de nível superior e inferior em relação ao nível técnico do grupo de participantes deste estudo. A ausência de um treinador ao longo da formação esportiva também foi notada durante os relatos.

A maioria dos sujeitos relatou a presença de um jogador de nível técnico superior ao seu como treinador durante as diferentes fases de sua formação esportiva. É de destaque, assim, a presença de jogadores titulados neste processo, mesmo em estágios iniciais da modalidade dos sujeitos:

“Meu progresso foi devido, por incrível que pareça, ao Gustavo Kuerten, já que quando ganhou seu primeiro Grand Slam, todos meus amigos que jogavam no clube pararam para treinar tênis. E, a partir desse momento, era praticamente eu e o professor MI Eduardo Limp no clube, e por uns dois anos tive praticamente aula particular”. (S5)

“Meu primeiro treinador, aos sete anos, foi o Carlinhos (Carlos Solis), lá do Clube de Xadrez/SP, devo muito a ele, por tentar me despertar interesse desde o começo. Depois estudei com o Adriano Caldeira, James Mann de Toledo e Jefferson Pelikian. Os dois últimos por mais tempo. Mas acho que consegui absorver bastante coisa e moldar o que aprendi dos três, ainda mais por terem estilos diferentes”. (S10)

“Ir à Moscou, a eterna capital do xadrez, e estudar com um dos mais respeitados treinadores do mundo é uma experiência fascinante para quem é apaixonado por xadrez. Como escrevi anteriormente, cresci lendo os livros do Dvoretsky. Ele era (e ainda é) um ídolo para mim. E nessas 2 semanas pude absorver um pouco do que o xadrez significa para os russos e no que consiste a famosa escola russa de xadrez. Este conhecimento me ajudou a melhorar meu jogo e também a montar programas de treinamento para meus alunos, mesmo que muitos deles - infelizmente - jamais tenham lido um livro do Dvoretsky”. (S11)

Gould (2007) aponta que a exposição a vários treinadores e equipes torna possível que a criança seja capaz de aprender a lidar com diferentes tipos de situações, o que é um ponto bastante positivo não só para a sua formação esportiva, como para a sua formação

pessoal. De maneira similar, alguns discursos do presente estudo apontaram para uma alta rotatividade de treinadores, principalmente, ainda durante a fase de iniciação. Quanto ao acompanhamento técnico de um atleta ainda na infância, o mesmo autor alerta que não há a preocupação com a especialização, desde que ela seja realizada de maneira adequada no que concerne ao indivíduo e às circunstâncias. A diferença entre a especialização e a precocidade da formação, então, se dá quando esta última se foca em uma única modalidade esportiva em idades cada vez mais prematuras em relação àquelas estabelecidas especificamente para cada prática, desrespeitando a idade de início do treinamento especializado que considera as especificidades e características de cada modalidade esportiva.

Curiosamente, após a conquista da grande maestria, um dos sujeitos relatou um jogador de nível técnico inferior ao seu como seu treinador. Todavia, com uma titulação de Mestre Internacional, título precedente ao vitalício Grande Mestre, pode-se dizer que este mesmo treinador teve papel significativo na evolução deste atleta. Considerando-se o alto rendimento apresentado pelo jogador em questão, pode-se questionar a hipótese de que, nesta fase, o papel de um treinador tenha caráter muito menos técnico e mais de condutas psicológicas e motivacionais, como explicitado no discurso de S7:

“A partir de março de 2001 comecei a treinar com Christian e foi só a partir de então que passei a treinar com regularidade, durante os dias úteis, em média 4 horas por dia. Ao aprofundar o estudo de aberturas e formar um repertório razoável para poder jogar com jogadores mais fortes, começamos a perceber que todo mundo erra, e muito. [...] Com um repertório aceitável, cheguei ao nível que estou hoje, mas fora isso também trabalhamos alguns aspectos psicológicos como o apuro de tempo e a tensão de uma partida importante. Passei a jogar mais solto e tive melhores resultados. Portanto, fora questões técnicas, também estou mais confiante e mais concentrado”. (S7)

A ausência de um treinador despontou em um discurso fortemente influenciado pela época em que se deu a iniciação ao xadrez de S3, em meados da década de 70. Infelizmente, os detalhes do discurso são insuficientes para que se caracterize a oferta de treinadores da modalidade condizente com aquela época:

“Quanto a professores/técnicos infelizmente também não tive. Teria sido muito bom ter alguém para poder ajudar em meu desenvolvimento. Felizmente esta não é mais uma realidade, e, por exemplo, conheço

alguns jogadores que têm técnico desde muito cedo, até mesmo antes dos dez anos de idade". (S3)

Faz-se uma breve e oportuna pausa para o xadrez, pois não só desta modalidade se fez a formação esportiva destes atletas. Tal achado corrobora com Gould (2007), o qual destaca que vários atletas profissionais apresentam uma formação múltipla em várias modalidades de maneira anterior à conquista do sucesso em suas carreiras. Academia, atletismo, basquete, corrida, futebol, handebol, jiu-jitsu, judô, squash e tênis foram exemplos da prática de outras modalidades esportivas e atividades físicas relatadas pelos sujeitos:

"Bom, no momento não faço nada, só futebol quando o pessoal resolve se reunir, mais por diversão mesmo". (S1)

"Atualmente não faço nenhum esporte regularmente, mas por várias vezes tentei jogar outras coisas... Quando mais novo, já participei de competições de atletismo, fiz por umas semanas escola de futebol, uns meses de academia, umas semanas de jiu-jitsu. [...] Mas sempre desisti depois de pouco tempo, pois viajava e faltava muito, além de ter sérios problemas com rotina [...]. Sempre que tenho um tempo na minha cidade, marco uma hora de squash". (S1)

Inativos à época dos discursos, em contrapartida os sujeitos evidenciaram o desenvolvimento de um vasto repertório motor, principalmente durante a infância, adquirido através da prática diversificada de várias modalidades e atividades distintas, conforme reforça Gould (2007). A descontinuidade da prática de outras modalidades esportivas parece ter sido influenciada por constrangimentos de tempo ocasionados pelas viagens necessárias às competições de xadrez. No entanto, à época das entrevistas, um dos indivíduos também evidenciou uma preocupação com o condicionamento físico em vista de sua saúde:

"Gosto de futebol e tênis, mas atualmente dou no máximo umas corridas no parque aqui perto de casa para não ficar sedentário". (S10)

Os aspectos socioculturais referidos até então construíram uma estrutura social que foi interiorizada pelos sujeitos deste estudo, conjuntura que pautou a ação destes sujeitos em direção à carreira profissional de Grande Mestre no Brasil. Assim, a próxima categoria

deste estudo abordará o período posterior à obtenção deste título pelos sujeitos, explorando as subcategorias perspectivas e contexto brasileiro dela eminentes.

As perspectivas de carreira destes jogadores incluem as atribuições de treinador, a disputa por mérito esportivo, a formação educacional superior e a popularização do xadrez.

Ora treinados, agora treinadores. Concomitante à carreira de atleta, a carreira de treinador emerge como forma de subsistência em um país onde a modalidade sobrevive. Ao mesmo tempo em que este papel restringe tempo e esforços disponíveis para o treinamento pessoal, a grande maestria do país reconhece a função de treinador como meio de transmissão da paixão pelo esporte e bagagem de conhecimentos por eles acumulada, sendo também um momento de seu desenvolvimento técnico pessoal, à medida que compartilham e absorvem os conhecimentos disseminados entre seus alunos:

“É, depois eu passei uma fase dando muita aula, essa fase não foi produtiva como jogador. Hoje eu acho que consigo conciliar bem melhor essa parte de treinador e jogador, que é um dos problemas que vários dos jogadores ‘tops’ do Brasil têm, né? Conciliar a parte de dar aulas com a parte de ser jogador. Hoje eu acho que consegui achar aí um equilíbrio e, assim, eu estou contente com os meus resultados”. (S4)

“Também me divirto dando aulas e sempre aprendo alguma coisa com os meus alunos. Tento reservar algum tempo para o treinamento pessoal, mas às vezes isso não é possível”. (S11)

“[...] Como treinador tenho uma meta a longo prazo que é ajudar algum enxadrista talentoso a conseguir o título de GM”. (S11)

Segundo Gobet e Jansen (2004), a contribuição de um treinador para a formação esportiva de um enxadrista pode ser dividida em dois aspectos principais: a) contribuições técnicas, abrangendo a elaboração de materiais e programas de estudo pautados na identificação dos pontos fortes e fracos do jogador, *feedback* sobre partidas e resultados em competições e preparação específica em relação aos adversários durante o período de disputa; e b) contribuições pessoais, incluindo a gestão da motivação do praticante, otimização do tempo de estudo através do planejamento de uma rotina de treinos e, por fim, a facilidade na obtenção de materiais de estudo sobre conteúdos específicos demandados pelo xadrez. De modo oposto, um único sujeito relatou ser possível viver de xadrez em contexto brasileiro sem possuir as atribuições de um treinador:

“Acho que, em alto nível, é uma profissão [jogador profissional de xadrez] rentável sim. Eu, por exemplo, vivo apenas com o dinheiro do xadrez. No Brasil existem muitos que complementam dando aulas de xadrez também. Para quem gosta mesmo de xadrez, se consegue sim viver só jogando!”. (S1)

A distinção através do mérito esportivo em disputa no subcampo esportivo do xadrez foi relato de seis dos oito sujeitos que demonstraram perspectivas de carreiras. Desta forma, é interesse destes jogadores a ascensão no *ranking* brasileiro e internacional da federação, a conquista de torneios e títulos expressivos e o contínuo aumento do *rating*:

“Estar jogando com os 2700 [*rating*] e enfrentando com unhas e dentes é quase uma luta pela sobrevivência [...]. É importante conseguir escolher os torneios bons, com tempo pra preparar, e sentir que cada partida agora vale muito mais do que antes”. (S1)

Nesse sentido, um dos fatores responsáveis pela distinção deste mérito é a experiência adquirida em competições no exterior. A diferença entre a quantidade e a qualidade de torneios de alto nível técnico para Grandes Mestres é grande quando se compara o Brasil a grande parte do cenário exterior. Por isso, alguns dos melhores jogadores do país frequentemente passam temporadas ou mesmo moram fora do território brasileiro objetivando a efetiva evolução do seu desempenho:

“[...] Embarco para a Europa pra jogar 4 torneios pensados e mais alguns rápidos e blitz, bem fortes também. A principal diferença dessa viagem pras outras que eu fiz pra Europa é que não tem nenhum torneio mais tranquilo! [...]”. (S1)

A necessidade de disputa de torneios para a aquisição das normas necessárias a alguns títulos da Federação Internacional de Xadrez era realidade antiga em terreno brasileiro. Atualmente, parece haver o interesse e estruturação da Confederação Brasileira de Xadrez (CBX) para realizar tais eventos:

“Naquela época (1988) não existia interesse, ou capacidade, de se fazer eventos de xadrez no Brasil para que os jogadores obtivessem títulos. Assim, fiz um desembarque obrigatório na Europa [...]. Como experiência de vida foi excelente. Para o xadrez foi bom. Não creio que seja necessário atualmente você morar fora do país. Na época era variante única. Se fosse hoje, eu não teria ido. As oportunidades são grandes agora”. (S3)

A participação em uma edição da *Olimpíada de Xadrez*, evento máximo deste esporte, também denota um capital simbólico distintivo ao mérito esportivo da grande maestria não brasileira, mas mundial. Ser um atleta olímpico significa não só estar entre os melhores enxadristas de seu país, mas também estar entre a elite mundial da sua modalidade esportiva, estar entre os seus ídolos:

“Foi a realização de um sonho poder ver de perto os melhores do mundo jogando entre si, andar pelo hotel e ver o Topalov, ver o Van Wely ganhar uma Índia do rei do Radjabov. Só me arrependo de não ter esperado mais uns minutos para ver o Ivanchuk abandonar contra o Jobava. Realmente só tenho boas lembranças”. (S5)

Resultados expressivos também conferem o mérito esportivo para que o atleta continue na prática do xadrez e almeje a obtenção do título de Grande Mestre. Assim, parece haver uma relação entre a continuidade da prática, a obtenção de resultados expressivos e o alcance do profissionalismo pelo jogador, sendo estas algumas das condições para que tal título possa ser obtido:

“Como comentei antes, nunca pensei em ter outra profissão... Mas durante muito tempo, não tinha certeza se de fato ia conseguir viver só jogando. Os primeiros grandes torneios que consegui ganhar ajudaram a impulsionar essa ideia”. (S1)

“[...] O fato de um MI ganhar com facilidade um match de dois GM’s me fez ver que seria possível/provável que eu chegasse a Grande Mestre”. (S3)

As conquistas que traduzem certo tipo de reconhecimento no subcampo esportivo do xadrez, principalmente em alto nível, são frequentemente almejadas por estes atletas. São exemplos a conquista do campeonato brasileiro, a qual concede a posição de melhor jogador do país, a obtenção de 2700 pontos no *ranking* da Federação Internacional de Xadrez (FIDE), atributo de um grupo seleto de Grandes Mestres mundiais que atingiram tal feito, dentre outros. O trecho abaixo é ilustrativo da busca por este mérito:

“Em termos competitivos, os meus objetivos são claros. Quero me manter como um dos melhores jogadores do Brasil e da América do Sul por mais um bom tempo. Quero continuar defendendo os campeonatos brasileiros que jogar. Tenho títulos e quero continuar defendendo esses títulos.

Quero ganhar mais títulos brasileiros. O grande objetivo seria chegar à meta de 2700 de *rating*. Penso que tenho condições. Falta um pouco de organização, de estrutura, planejamento de torneios, de treinamento, mas acho que, tecnicamente, tenho capacidade para chegar lá”. (S7)

A perspectiva de formação educacional dos sujeitos expressou-se através da preocupação em concluir, concomitantemente à profissão de jogador profissional de xadrez, um curso em nível superior. Tal necessidade é decorrente das dificuldades financeiras expressadas pelo contexto brasileiro da realidade desta profissão no país, a qual não é estável financeiramente mesmo para um atleta de alto rendimento. Os discursos abaixo expressam tais dificuldades:

“Mas passado algum tempo comecei a sentir a necessidade de abrir novos horizontes e resolvi entrar na Universidade. A ideia de depender do xadrez para sobreviver nunca me agradou muito. Xadrez é uma grande paixão e ter que jogar um torneio com a obrigação de vencer para pagar contas acaba distorcendo a finalidade. Hoje eu me considero um semi-profissional. Jogo e continuarei jogando profissionalmente, mas em breve terei outra profissão também. Estou no terceiro ano do curso de Direito e é uma matéria que me atrai bastante. Em muitos aspectos é parecido com o xadrez e acho que posso igualmente ser um profissional bem sucedido.” (S7)

A noção de “profissional do xadrez” como alguém que vive exclusivamente do xadrez e que tem nele todas as fontes de sua renda esteve presente no discurso de S6. Embora não especifique como e com quais atividades ele consiga este feito, o sujeito deixa claro a ausência de qualquer formação acadêmica durante a sua vida:

“Sou um jogador profissional de xadrez que vive do esporte. Todas as minhas fontes de renda vêm do xadrez. Não tenho nenhuma formação acadêmica”. (S6)

A popularização da modalidade foi perspectiva de apenas um sujeito, o qual a manifestou em um período em que o crescimento da modalidade no cenário nacional estava aflorado, principalmente em razão da implantação dos recentes projetos de xadrez escolar. A escassez de materiais em português para um público infantil, neste sentido, motivou a sua iniciativa:

“Existia uma grande carência de livros de xadrez em português. Eu juntamente com o Júlio, víamos que com o crescimento do xadrez era

necessário colocarmos algo no restrito mercado enxadrístico para suprir esta falta. [...] Com o crescimento do xadrez verificado, principalmente após o ano de 2000, as editoras grandes já começam a lançar livros de xadrez no mercado editorial normal. Eu fico feliz que uma das propostas minhas como presidente da CBX - a de popularizar mais o xadrez - está surtindo efeito no mundo de fora dos círculos puramente enxadrísticos e adentre no mercado das pessoas que não são federadas". (S3)

Próxima subcategoria, o contexto brasileiro apresentou-se relacionado às perspectivas dos jogadores no país, sendo de fundamental importância para a compreensão social dos fenômenos relativos à profissão de Grande Mestre no Brasil. Assim, o mesmo fora discutido através das dimensões dificuldades socioeconômicas e setor educacional.

As dificuldades socioeconômicas englobam as dificuldades relativas às condições precárias de apoio estrutural e financeiro destes jogadores. Longe de ser uma modalidade esportiva massificada em solo brasileiro, abordou-se também as questões históricas de identidade do xadrez com o país:

“O maior problema certamente é o apoio. Quando comparado com outros esportes chega a ser patético. Jogadores de futebol, vôlei, e outros esportes têm muito mais facilidade para conseguir patrocínio, enquanto eu sofro, às vezes, para conseguir dinheiro para uma passagem de 100 reais. Acho que não tem comparação”. (S1)

“O Anand na Índia, ele foi campeão do mundo, porque lá na Índia, todo mundo o apóia. Ele é um herói nacional, destaque em toda imprensa, em todos os meios. É preciso aqui no Brasil eu ter este apoio, entendeu? É muito importante pra mim, muito importante”. (S8)

“Bastante! Para o xadrez no Brasil o clichê de “matar um leão a cada dia” é bastante válido. Infelizmente sofremos com a falta de incentivo governamental, o que praticamente impossibilita que tenhamos profissionais de xadrez exclusivamente dedicados a competições. Os torneios são escassos e com pouca premiação. Mas seguimos na luta para popularizar o xadrez e reverter a situação. O mais importante é trabalhar fazendo o que gostamos”. (S11)

“Se ele [Grande Mestre] não conseguir se concentrar no treinamento porque não sabe como vai pagar as contas no fim do mês, como melhorar? Da mesma maneira, não adianta estar bem treinado e ter apenas [torneios] abertos de fim de semana para jogar. Isso, de certa forma, responde à pergunta se posso chegar a 2700 em breve. Para ter chance de conseguir isso, eu teria que morar ou então passar longas temporadas na Europa, algo que não tenho disposição para fazer, por um grande número de motivos. Acredito que o Fier tenha chance de chegar a 2700 um dia, já que ele ama o xadrez e está sempre na Europa. Mas se chegará ou não... Isso só o tempo dirá”. (S11)

O engajamento político na esfera organizacional do esporte foi relatado por S3 como ação para minimizar as dificuldades em que o mesmo enfrentou enquanto atleta:

“Nesta mesma época eu comecei a ver as dificuldades que enfrentava e concluí que não podia ficar omissos, resolvendo entrar na administração do xadrez para que outros não tivessem as mesmas dificuldades que tive. Isto me atrasou muito enxadrísticamente, pois foi um período duro de adaptação a este outro xadrez”. (S3)

Há uma estreita relação entre cada uma das dificuldades anteriormente mencionadas que próprias do contexto brasileiro. As razões históricas e sociais da falta de identidade do xadrez pela sociedade brasileira, as quais não são objeto do presente estudo, tornam incipientes a visibilidade e representatividade do mesmo no país. Tal quadro, por sua vez, dificulta a captação de recursos financeiros na contemporânea sociedade globalizada vigente. A precariedade das ações de *marketing* e organização de torneios da modalidade é, também, reflexo do despreparo da maior parte dos agentes sociais que lidam com tais ações, as quais são fundamentais para a representatividade da modalidade ante a sociedade:

“No Brasil o esporte é muito pouco popular, portanto conta com menor visibilidade, apoio e injeção de dinheiro. Há poucos torneios. É muito complicado conseguir patrocínio e apoio de clubes”. (S6)

“O xadrez é fascinante, mas é pouco desenvolvido. Acho que as pessoas que estão engajadas estão começando a se conscientizar que é preciso profissionalizar o xadrez como um todo. Profissionalizar em vários sentidos, em termos de *marketing*, de promoção... Tem um potencial muito grande. É uma ferramenta que tem alcance universal por conta da *internet*. É uma coisa que é importante para a educação. Esses projetos de xadrez escolar foram muito bons. É preciso, também, valorizar os jogadores, dirigentes, organizadores... Acho que precisa haver uma interação maior. Penso que, por exemplo, quem faz um trabalho em escola, muito legal. Mas ah! Convida um Mestre para apresentação, uma simultânea, uma palestra. Tantas escolas, tantos jogadores bons no Brasil. Acho que são esses jogadores que motivam as crianças, novos talentos”.  
Penso que falta um pouco de novas ações. Acho que quando essas ações começarem a acontecer e quando o xadrez escolar começar a ter uma ligação com o xadrez de competição, para aqueles que se interessarem, penso que nós teremos muito a crescer. Empresas trabalham com xadrez sem saber. Fazem todas as ações. Acho que os Mestres e Grandes Mestres deveriam vender mais, falar mais, fazer palestras para

educadores, para empresários, para comunidades. Esse tipo de ação valoriza muito o jogador, a própria pessoa e o xadrez como um todo. Minha dica seria essa: trabalhar um pouco mais o *marketing*. E cada um pode fazer um pouco na sua cidade, no seu clube. É isso". (S7)

"Infelizmente ainda contamos com poucas competições. É preciso fazer um agradecimento aos abnegados que se esforçam para que este número aumente. Quanto ao nível de profissionalismo das competições, ainda deixamos muito a desejar. Muitas vezes a organização (especialmente em torneios abertos) peca por não disponibilizar um salão de jogos adequado, um número mínimo de material disponível e outras condições indispensáveis para os participantes". (S11)

"Infelizmente o Brasil nunca teve uma cultura enxadrística, aliás muitos esportes pouco populares se ressentem do mesmo problema. A única saída é a popularização do xadrez". (S11)

Paradoxalmente, os discursos supramencionados de S11 sobre iniciativas que valorizem a popularização e o consequente reforço de uma cultura enxadrística no país esbarram nas ideias presentes em seu terceiro discurso sobre a mesma temática. Nela, o sujeito considera a força de um arbitrário cultural (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2004) determinista de identificação do país com o xadrez:

"O xadrez jamais será um esporte popular ou de massa no Brasil. É uma questão cultural: não temos nenhuma identidade com o jogo, ao contrário do que acontece em outros países. Na Argentina, para não irmos longe, quase todos sabem jogar xadrez. E por quê? Pelos projetos de xadrez nas escolas? Desconheço qualquer grande ação nesse sentido. Por que já tiveram um grande jogador? Mequinho foi mais longe que Panno. É simplesmente uma questão cultural. Justamente por isso os talentos aqui são esporádicos. Poucos têm contato com o jogo e mesmo os que se destacam têm dificuldades em conseguir treinamento especializado. Em relação aos projetos de xadrez escolar, careço de informações mais detalhadas para opinar". (S11)

Condicionados, deste modo, a alcançar sucessivas vitórias para obter uma condição financeira mínima através dos torneios brasileiros, os sujeitos complementam a sua renda através de aulas de xadrez e demais atividades relacionadas à modalidade:

"Eu poderia ser um enxadrista profissional *full-time* se eu tivesse a estabilidade financeira necessária, com patrocínios de longo prazo. Mas essa não é a realidade no Brasil". (S7)

“É muito difícil ganhar a vida jogando torneios. Tirando isso, eu não gosto da vida de um viajante constante. Para um GM do meu nível é necessário jogar campeonatos e dar aulas [...].” (S11)

Em contramão desta realidade, o setor escolar parece estar em franco crescimento no Brasil. O número de praticantes têm aumentado no país em detrimento, principalmente, da implantação de projetos educacionais que se concentram em sua maior parte nas regiões sul e sudeste do país:

“O xadrez vai muito bem no setor educacional, onde o Paraná lidera. A imagem do xadrez como instrumento pedagógico é positiva e muito forte. O projeto do MEC [Ministério da Educação] de replicar a experiência do Paraná em todo o Brasil, segue, mesmo com oscilações. No alto rendimento, não vamos bem. São Paulo se destaca, mas mesmo lá as condições são inferiores do que há 10 anos. Aí o apoio do ME [Ministério do Esporte] tem sido pífio e a CBX sozinha não consegue reverter a situação”. (S9)

O aumento do número de praticantes da modalidade em razão da implantação do xadrez escolar é fatídico. Porém, dada a iniciação ao xadrez através do ambiente escolar, a sua continuidade através de projetos que englobem a seguinte fase de especialização e o possível desfecho em seu alto rendimento esportivo ainda carecem de força no país. Comparados aos projetos europeus, são ínfimos e muito pouco abrangentes:

*“Maybe improving [number of players] thanks to programs for chess in schools, I’d say the numbers are slowly growing, but the initiatives are still not strong as here in Europe. Mostly the players improve their level and progress on their own merits”.* (S10)

“Estamos ainda muito distantes dos grandes centros do xadrez, seja em popularidade, seja em treinamento, nível técnico, quantidade de torneios ou condições para os profissionais. A verdade é que o xadrez ainda engatinha no Brasil. O destaque positivo é que, de uns anos pra cá, o nosso tem sido inserido dentro do ambiente escolar. Existe, portanto, a perspectiva de melhorar sua popularidade a longo prazo”. (S11)

“Muito investimento com a massificação do xadrez escolar e grandes patrocínios para os profissionais. Com isso o Brasil poderia se tornar uma potência em algum tempo. Basta citar que a China, até bem pouco tempo, tinha pouquíssimos Grandes Mestres”. (S11)

Protagonistas deste quadro, algumas iniciativas têm sido realizadas pela grande maestria para suprir as dificuldades que se referem à formação educacional e esportiva da modalidade, ao exemplo de S11:

“Não temos muitos talentos aparecendo no momento, e isso é devido à falta de suporte adequado e formadores competentes [...]. Ele [site de uma academia de xadrez] foi criado para ajudar o desenvolvimento de talentos no Brasil, pois não temos muitos bons treinadores, o que torna muito difícil para os jogadores que aspiram a alcançar seus objetivos”. (S11)

Considerar a possibilidade de abandono da carreira profissional, embora cogitada, não foi uma escolha de nenhum dos onze indivíduos deste estudo, como também evidencia S11:

“Essa ideia de parar com o xadrez de competição passa vez ou outra pela mente de todos os profissionais (especialmente depois de uma derrota amarga ou um torneio sofrível). A realidade, porém, é que um GM adquiriu um certo nível de *status* e excelência no que faz e não é fácil começar alguma outra atividade do zero. Atualmente estou feliz com as atividades de jogador e treinador e não pretendo fazer outra coisa”. (S11)

Em meio a um contexto social desfavorável, os Grandes Mestres brasileiros são exemplo de sucesso no campo esportivo. No Brasil, a conquista do mais alto grau de excelência na modalidade não favorece a continuidade de sua prática. Infelizmente a vida, neste sentido, não configura-se apenas como um *hobby*.

#### **4.2. Aspectos pedagógicos**

Como em um final de partida, o remate desta teoria centrou-se na sistematização de subsídios referentes ao processo de ensino e aprendizagem que culminou na conquista da grande maestria por um grupo seletivo de onze enxadristas brasileiros. O que foi feito? Como foi feito? À priori, a produção de conhecimentos sobre tais questões objetivou não só contribuições que visem a formação de futuros campeões, mas, primeiramente, a sólida formação de futuros praticantes de xadrez ao longo da trajetória de suas vidas.

Do eixo “aspectos pedagógicos”, por sua vez, decorreram as seguintes categorias: a) método de treinamento, a qual descreveu as ações pedagógicas e conteúdos de aprendizagem evidenciados através dos relatos do grupo de participantes deste estudo; e b)

competições, categoria que se relaciona à primeira ao abordar as experiências que se remetem à preparação dos jogadores antes e durante o período competitivo. A proposta, neste sentido, baseia-se na construção de reflexões que possam oferecer subsídios para intervenções pedagógicas relativas ao ensino e treinamento da modalidade xadrez, considerando as especificidades dos aspectos socioculturais inerentes ao contexto brasileiro onde o processo se dá.

É consenso entre os próprios indivíduos deste estudo que não há uma universalidade de métodos e conteúdos responsáveis pela evolução esportiva de um enxadrista:

“[...] É uma fórmula que pode se abrir um leque. Eu acho que hoje existem vários tipos de treinamento. Eu acho que se você perguntar pros jogadores fortes como eles treinam, você vai obter várias respostas diferentes. Então, não existe um só método de treinamento”. (S4)

“Nesses últimos anos, já tive diferentes fases quanto ao estudo. Em certas épocas, foquei mais em livros de finais, outras em livros de partidas, e durante certo tempo, eu só resolvia problemas artísticos”. (S10)

A especificidade do treinamento, de modo pertinente, aparece explícita no discurso dos sujeitos acima. O discurso de S11 reforça esta ideia a partir do levantamento de alguns fatores que devem ser considerados na elaboração de um programa de treinamento:

“É, realmente [o método de treinamento] depende de muitos fatores como a personalidade, idade, e outros, por isso, é difícil dar um conselho geral”. (S11)

A ausência de um método de treinamento também apareceu no discurso de um dos sujeitos. Nota-se que a ausência, neste sentido, é entendida como a falta de sistematização de seus conteúdos, o que não significa que o sujeito não possua, igualitariamente, a sua rotina de treino própria:

“Não creio que tenha um [método de treinamento]. Quando sinto vontade estudo sem parar, quando não, o máximo que faço é jogar blitz na internet”. (S5)

A prática deliberada, caracterizada por atividades estruturadas, cujo principal foco se dá no desenvolvimento de habilidades específicas à melhora do desempenho esportivo

(CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007) é conceito significativo do processo de formação esportiva dos Grandes Mestres brasileiros. No presente estudo, ela se fez presente, principalmente, no período em que os enxadristas relataram a dedicação máxima ao esporte através do desenvolvimento de componentes técnicos, físicos e psicológicos que lhes possibilitaram fases de significativa melhora de seus desempenhos pessoais:

“Olha, foi nessa época que eu comecei a estudar mais sozinho... E de forma alguma foi falta de mérito dos meus treinadores antigos. Acho que a formação de uma base foi de imensa utilidade pra eu conseguir estudar com mais eficiência. Acho que esse salto só foi possível por causa da minha dedicação mesmo, e nem digo pelo o que eu estudava. Mas pelo fato de tentar entender melhor o jogo usando a própria cabeça, e formando as próprias opiniões”. (S10)

“[...] Digamos 2004, quando comecei a me dedicar bem mais por conta própria [...]. (S10)

“É difícil mensurar a importância de cada um dos componentes que formam um bom enxadrista, mesmo porque isso difere muito em cada pessoa. Uma coisa é certa: é preciso estudar muito e ser um apaixonado por xadrez. Não adianta passar várias horas jogando na *internet*. É preciso estudar a teoria do jogo, fazer incontáveis exercícios de cálculo, estar disposto a passar horas e horas trabalhando. Muitos enxadristas jovens tem talento, mas não tem a energia para o trabalho necessário para ser um Grande Mestre. Um jogador médio, que queria melhorar seu nível, deve treinar todos os dias, especialmente a parte de cálculo, além de analisar detalhadamente suas partidas, montar um repertório, analisar a teoria. Enfim, é preciso ter vontade de ‘colocar a mão na massa’!”. (S11)

Através dos discursos, identificou-se componentes de características técnicas, físicas e psicológicas próprios dos treinamentos destes atletas. Dentre o componente técnico, destaca-se o desenvolvimento do cálculo e a preparação de aberturas:

“Com um repertório [de aberturas] aceitável cheguei ao nível que estou hoje, mas fora isso também trabalhamos alguns aspectos psicológicos como o apuro de tempo e a tensão de uma partida importante. Passei a jogar mais solto e tive melhores resultados. Portanto, fora questões técnicas, também estou mais confiante e mais concentrado”. (S7)

“Há vários tipos de jogadores fortes. Há aqueles que são bem preparados teoricamente, há os que são bons táticos, etc. Eu acredito que o que faz a diferença é o cálculo. Isso pesa muito. O GM calcula com mais profundidade. [...] Além disso, o GM busca recursos e sempre dificulta a tarefa do adversário quando está muito mal ou mesmo perdido. O bom GM fica atento a partida toda”. (S7)

“Entretanto, algo que eu nunca deixei de fazer [...] foi a preparação de aberturas e análise de partidas recentes junto ao *Chessbase*. Esse último tópico me deixa em ótimas condições de ter um xadrez competitivo, utilizando-se de material novo e sempre com o repertório de aberturas em dia. Agora, é importante que fique claro, que antes dessa dedicação às aberturas, é necessária uma base bem reforçada com análise de partidas de ex-campeões do mundo, estudo de finais básicos e variados, e muito, muito, muito cálculo, que é uma área bastante menosprezada por muitos e faz uma diferença estratosférica na prática. Basicamente pelo fato de que toda uma preparação de abertura e todo um plano perfeito no meio-jogo pode ir abaixo com uma falha tática”. (S10)

O cálculo de jogadas à frente parece não ser determinante, mas a qualidade e a precisão em como ele é realizado. A técnica dos lances candidatos faz parte deste aprimoramento, bem como a técnica do jogo às cegas. Gobet e Jansen (2004) criticam a prática do jogo às cegas como componente eficaz do treinamento, relatando que ela se mostra como técnica consequente da aquisição de uma base de conhecimento anteriormente adquirida e já consolidada por um jogador.

“Eu gosto muito de jogar às cegas... É um excelente treino para quem quer melhorar o cálculo!”. (S1)

“Então, não é difícil ver várias jogadas à frente. Agora, o difícil é ver jogadas boas. Essa é que é a grande questão. O difícil é fazer lances bons e cálculos corretos. Então, dizem e deve ser verdade, que é pouco prático, na maioria dos casos, se fazer uma análise de dez lances, porque a chance de existir um erro a partir do quarto é muito grande, mesmo para jogadores muito fortes. Cálculos muito bons, muito bem feitos, de três ou quatro lances são o suficiente para se tornar um Grande Mestre”. (S7)

“Eu chegava a ser um garoto chato, pois queria assistir todas as aulas, queria jogar às cegas nas viagens, queria jogar relâmpago o dia todo”. (S7)

“A técnica dos lances candidatos é muito importante para o aperfeiçoamento do cálculo e é utilizada pelos GMs. Entretanto, deve-se fazer uma ressalva. Não somos robôs preparados para fazer lances candidatos automaticamente em todas as posições. Para utilizar o método eficientemente é preciso treinamento e bom senso”. (S11)

A relação entre os conteúdos a serem focados no treinamento e sua relação com o nível de jogo em que se encontra o jogador é bem estabelecida no discurso de S10. A preparação de aberturas, priorizada entre os jogadores mais experientes, influencia jogadores de nível inferior a seguirem o mesmo exemplo, quando, na realidade, existem

outros conteúdos mais urgentes e passíveis de serem trabalhados em tais estágios anteriores:

“[...] Por isso, aí vai a dica para quem esteja motivado a dedicar-se: as aberturas são importantes, mas de fato são um diferencial apenas depois do nível de 2300, 2400. Até lá, um bom conhecimento estratégico, um cálculo afiado e uma noção boa de finais não vão te deixar na mão”. (S10)

O cuidado em relação ao componente psicológico do treino foi evidenciado por S7 no trecho abaixo, onde o mesmo ressalta a importância de uma orientação deste caráter para o desempenho:

“Depois de tanto tempo eu aprendia a lidar com muitas coisas. Agora, essas sensações voltam... A ansiedade... Claro que, antes eram mais fortes. Por exemplo, eu ficava nervoso e hoje, o pessoal me vê muito sério, compenetrado, meio frio. Mas eu fico tenso, fico nervoso, ansioso. Eu aprendi a controlar isso. [...] O enxadrista se for bem orientado, aprende muito em termos de autoconhecimento e autocontrole”. (S7)

O componente físico foi evidenciado através da importância relatada do condicionamento físico para o desempenho de um enxadrista de alto rendimento. O desenvolvimento de capacidades físicas favorece o ótimo desempenho de capacidades cognitivas relevantes principalmente durante o período competitivo. Neste nível, tal necessidade é ressaltada considerando-se a longa duração do ritmo de uma partida, o que causa um desgaste natural destes atletas:

“O treinamento de um jogador é muito técnico. Então, ele tem que treinar muitas horas e tem que dedicar, pelo menos, uma hora por dia para um exercício de condicionamento físico. Isso seria o básico. Depois, como um esporte que exige muito intelectualmente, saber tirar férias no dia é importante. Saber a hora de relaxar, de tirar da tomada... É assistir um filme, ler, espalrecer, caminhar... Muitos jogadores de altíssimo nível fazem caminhadas. Então, penso que isso são coisas importantes [...].” (S7)

“Por que estou subindo? Tenho 54 anos, mas eu faço esportes. Segundo um especialista que me faz a preparação física, eu tenho preparação física de 35 anos. Graças a Deus!” (S8)

Com o advento da informática, o xadrez sofreu influência direta seja nos níveis de preparação, organização, divulgação, entre outros. Os discursos abaixo apresentam as

mudanças ocorridas no treinamento a partir da transição de um método clássico de estudo à realidade virtual de prática em plataformas *online* e consulta em completas bases de dados:

“Eu acredito que [a prática de jogo em plataformas *online*] é uma das coisas que mais me ajudou a evoluir no xadrez. Durante uma partida, mesmo sendo de *blitz* na internet eu atinjo um nível de concentração que jamais alcançaria durante os estudos. Além de ser importante também para estudar aberturas e procurar as falhas no próprio jogo”. (S1)

“Antigamente quando não tinha informática, o treinamento era feito com livros, a gente podia dizer que havia um padrão. Mas hoje, você pode aprender de diversas formas. [...] Isso trouxe uma melhora significativa pra uma série de pessoas que não tinham acesso à prática do xadrez regular. Podia estudar, mas não podia jogar. Hoje você tem vários recursos. Você tem aulas pela *internet*, então a informática ela trouxe uma variedade muito grande de métodos em que você pode treinar”. (S4)

“Eu fui campeão brasileiro absoluto com 15 anos em janeiro de 94. O Mequinho com 13. O Rafael com 17. A realidade é que hoje é mais fácil se tornar um jogador forte rapidamente, mas principalmente porque o estudo está disponível para todos e há muitos professores de alto nível em todo o mundo. Antigamente era muito mais difícil e tedioso estudar. Hoje dá para conseguir tudo pela *internet*. Inegável que há um avanço e uma tendência, mas não é tão dramática como se fala por aí”. (S7)

Gobet e Jansen (2004) recomendam a apropriação das facilidades proporcionadas pelo advento e avanço da informática no subcampo esportivo do xadrez para o desenvolvimento das habilidades táticas, prática de posições típicas de abertura, meio-jogo e final, além da análise da base de dados de partidas disponíveis. O uso dos *softwares engines*, para S7, deve ser complementar ao esforço de resolução de problemas e interpretação de posições pessoais de um jogador. Não deve ser, por si só, um fim. Seu uso deve constituir-se em um dos meios possíveis de possibilidades de treinamento:

“O computador vai te forçar a pensar. Mas se você só esperar do computador e se não for proativo, esquece... Você vai receber um monte de informação, complementar algumas, ganhar uma partida bem preparada, mas como jogador, não vai aprender a resolver problemas”. (S7)

A importância de conteúdos que se caracterizam como prática deliberada nesta modalidade, ao exemplo do estudo de partidas, livros e jogadores clássicos, também foram sobremaneira relatados pelos jogadores. Gobet e Jansen (2004) ressaltaram a facilidade de

entendimento das ideias centrais de partidas clássicas comparadas àquelas disputadas na contemporaneidade, principalmente em razão da menor qualidade defensiva, centralização de poucos temas táticos e estratégicos e menor aprofundamento no que diz respeito às variantes de abertura que são característicos de partidas ancestrais. Considerando a desvantagem da aquisição de esquemas clássicos que podem, entretanto, não serem úteis ao decorrer do avanço teórico sobre o jogo ao longo dos anos, os autores recomendam, assim, o estudo intervalado entre os conteúdos clássicos e modernos do xadrez. Os fragmentos abaixo são exemplos de discursos que pautaram a relevância do estudo dos conteúdos clássicos neste estudo:

“Quanto aos jogadores mais antigos, vejo muito poucas partidas, mas por diversão, embora muitas pessoas digam que é importante aprender com eles. De 1980 para cá eu vi varias partidas de todos eles, principalmente para estudar abertura. Acho que 95% das partidas que vi até hoje, foram jogadas nos últimos 25 anos”. (S1)

“No meu caso em específico, eu comecei a jogar xadrez em uma época pré-informática, então eu sou mais estilo clássico, o meu método de treinamento é mais estilo clássico, ou seja, existem as posições-chaves, as estruturas-chaves, método de cálculo, isso é mais ou menos padronizado pra mim. E foi a forma com que eu aprendi. Então eu digo que o meu método é mais clássico, mas não é o único método em que as pessoas podem se desenvolver”. (S4)

“[...] Mas os jogadores que aprenderam xadrez a partir da geração de computador deve sempre ser lembrado da importância de estudar os clássicos. Como observou Korchnoi, os mestres do passado também entenderam o jogo de xadrez!”. (S11)

“Os livros clássicos citados foram muito importantes em sua época e ainda hoje servem como referência histórica. Entretanto, os métodos de aprendizado mudaram muito com o advento da informática. Sabendo-se utilizar com a inteligência a informação gerada por bases de dados+engines, é possível desenvolver-se mais rapidamente do que lendo estas obras. Existe um livro clássico que ainda considero leitura obrigatória: Zurich 53, do Bronstein. Além deste, os livros que mais me impressionaram foram os do Dvoretsky (todos)”. (S11)

O equilíbrio entre a preparação teórica e prática foi também determinante para a evolução dos jogadores. O estudo e a prática de jogo em competições devem se dar, assim, de forma complementar:

“É realmente necessário muito estudo. Mas só estudar não adianta, o ideal é achar um equilíbrio entre a teoria e a prática. Eu, por exemplo, joguei mais de 200 partidas de torneios no ano passado”. (S1)

“Eu diria que não há mais nada a fazer do que estudar, estudar, estudar e jogar... Quanto mais empenho, maior o resultado!”. (S1)

A leitura de livros sobre técnicas de jogo, além de ter colaborado para a evolução de jogo do sujeito, parece ter aumentado o interesse e conhecimento sobre a complexidade de possibilidades possíveis através do xadrez. Os livros de xadrez têm sido o principal veículo para a transmissão de conhecimentos sobre esta modalidade (GOBET; JANSEN, 2004). No entanto, questiona-se a consideração de princípios pedagógicos pelos seus autores, os quais constituem-se, em sua maioria, por jogadores de nível técnico elevado e, consequentemente, detentores de um capital simbólico distintivo neste subcampo esportivo. Como consequência, despontam obras de conteúdos muitas vezes desalinhados às necessidades das fases que caracterizam a formação esportiva vivenciada por um praticante de xadrez, as quais demandam o conhecimento sobre as práticas e conteúdos específicos pautados na pedagogia do esporte. A bibliografia enxadrística consultada pelos sujeitos deste estudo foi descrita através dos fragmentos de discursos abaixo:

“Li poucos, mas gostei bastante dos que li. Vou citar os que eu lembrar aqui: Estratégia moderna de xadrez; Livro de problemas do Polgár; Finais artísticos; Zurich 53. São todos livros muitos bons que certamente impulsionaram meu xadrez e me ajudaram a ficar fascinado pelas 64 casas”. (S1)

“Naquela época o material de xadrez acessível era muito raro e de baixa qualidade. Meu pai adquiriu os livros Aberturas e Armadilhas, do Idel Becker, e Xadrez Básico, de Orfeu D’Agostini. Eu joguei muito “ping” em clube de xadrez e o contato com muitos jogadores fortes foi minha escola até os dezoito anos. Somente então tive acesso a livros clássicos como Mi Sistema, a série do Kotov (Juegue e Piense Como Un Gran Maestro)”. (S3)

“Li alguns livros, como o Estratégia Moderna e o Endgame Strategy, que me ajudaram muito”. (S7)

“O primeiro [grande aumento da força de jogo enxadrística] veio logo no começo, quando terminei de ler o livro "Estratégia Moderna en el Ajedrez" junto com Pelikian no começo de 87, aos 8 anos. As partidas passaram a ter uma lógica. Outro grande salto veio quando fiz um estudo de finais sozinho ao ler os livros de finais de peões, de bispo e cavalo, de torres, e finalmente o Endgame Strategy”. (S7)

“Mas dos livros que eu li, recomendo: Zurich 53 (Bronstein) - pelo volume de jogo que você aprende, se tiver a paciência necessária de vê-lo por completo. Estratégia Moderna (Pachman) - pela base que te dá e pela maneira que ele trata vários temas úteis. E quanto aos livros de partidas de jogadores... O do Alekhine me agradou muito, junto com o do Karpov. Para citar alguns outros: Endgame Strategy (Shereshevsky) é um ótimo manual de finais, nada muito metódico, mas ensina bastante sobre conceitos gerais e Attacking Games do Julian Hodgson é um livro bastante divertido, e que passa o lado mais light das partidas complicadas. Vale a pena dar uma conferida”. (S10)

O sistema de treinamento com um companheiro de análise foi recomendado por S11, o qual teve resultados consideráveis através desta experiência:

“Quando morava em São Luís treinava geralmente sozinho ou com meu pai, que apesar de não ser um enxadrista forte, sabia muito bem quais as prioridades no treinamento, além de me ajudar na leitura dos livros em inglês. A prioridade do meu treinamento nessa época - e que persistiu por muito tempo - era o cálculo de variantes. Inicialmente, até atingir certo nível, resolvia principalmente combinações de um livrinho chamado "Test Your Chess IQ" e outros exercícios semelhantes. Graças a esse esforço, obtive rapidamente uma visão tática muito boa, o que era certamente o meu ponto forte. Já o trabalho com o Milos foi algo completamente diferente, pois eu já tinha força de candidato a mestre. O que fazíamos basicamente era analisar diversas posições e ver partidas, mas sem uma didática típica treinador - aluno. Éramos mais "companheiros de análise" e este é um sistema que recomendo para enxadristas aspirantes que tiverem interesse de treinar com um GM, com duas ressalvas: 1- o treinamento precisa, neste caso, ser ao vivo; 2- O aspirante precisa ser muito dedicado e ter realmente vontade de progredir. Com esse método, pulei de candidato a mestre a GM em 3 anos”. (S11)

O tempo médio de treinamento diário variou de duas à oito horas:

“Varia muito o tempo usado para o xadrez em cada dia... Tem dias que passo como 8 horas estudando frente ao *Chessbase*. [...] Acho que já faz alguns anos que não passo um dia sem ver absolutamente nada de xadrez”. (S1)

“A partir de março de 2001 comecei a treinar com Christian e foi só a partir de então que passei a treinar com regularidade, durante os dias úteis, em média 4 horas por dia”. (S7)

“Ainda peço bastante em não manter uma rotina organizada de estudos. Mas tomando por base uma semana, acho que estudo de 3 a 4 horas por dia, em sua grande parte vendo e analisando partidas recentes”. (S10)

“Eu trabalho sozinho e tento trabalhar no meu jogo, pelo menos, 2-3 horas por dia. Às vezes eu trabalho mais, alguns dias eu não vejo xadrez”. (S11)

São conselhos pautados na experiência da própria elite deste subcampo em como se obter um desempenho de sucesso no xadrez, os seguintes:

“Estude”. (S5)

“Se dedicar muito, muito. Ser um bom competidor, controlar seus medos. Estudar bastante. E no final das contas, jogar com sua própria cabeça. Tem que descobrir seu próprio caminho”. (S6)

“É difícil dizer. Acho que sempre tive muita vontade de vencer e todo meu tempo livre eu dedicava ao xadrez, por puro prazer. Como eu disse, também estudei bastante sozinho, embora eu tenha consciência de que poderia ter estudado muito mais, principalmente se tivesse um direcionamento melhor. Mas acho que não tenho uma resposta precisa para sua pergunta”. (S7)

“Primeiramente gostar do que faz. Depois se dedicar bastante e saber que é preciso sacrificar outros prazeres em muitos casos. O apoio de amigos e familiares também vale muito”. (S7)

“Acima de tudo, digo-lhes que não há segredos para se tornar um GM, a maioria das pessoas pode fazê-lo, com a orientação correta e trabalho duro”. (S11)

Momento em que a preparação é colocada à prova, as competições foram descritas através das práticas realizadas no período anterior e durante a sua ocorrência, estando condicionada aos tipos de torneios e aos constrangimentos de tempo neles enfrentados. A preparação prévia caracterizou-se principalmente pela qualidade do repertório de aberturas, ponto forte de jogadores de gerações mais recentes deste estudo, as quais cresceram no advento das bases de dados *online* e *softwares engines* que possibilitaram o avanço da preparação anterior às competições. Gobet e Jansen (2004) recomendam que o estudo eficaz desta fase inicial do jogo deve considerar a seletividade na escolha das principais aberturas e variantes dela decorrentes, a possibilidade de expansão do repertório de acordo com as experiências de jogo e novidades teóricas emergentes e, por fim, o estudo e prática de posições típicas de meio-jogo e finais decorrentes das principais aberturas que compõem este repertório.

“Geralmente antes das competições, tento analisar os adversários e escolher possíveis posições a serem jogadas com ele, para poder trabalhar em cima delas. Mas a princípio não muda muito a rotina perto ou longe das competições, tirando a motivação, que às vezes pode melhorar o rendimento. Basicamente ver partidas, reforçar o cálculo (que vem sendo uma das falhas em minhas partidas) e estar bem preparado nas aberturas”. (S10)

“Para torneios abertos, acho que o estudo prévio de cada um é o que mais pesa, pois geralmente não há muito tempo entre as rodadas para algo muito profundo. O ideal é ter um repertório bem definido e estudado ou poder variar dentre diferentes opções para conseguir fugir de alguma preparação, ou mesmo com o intuito de tentar ideias novas constantemente”. (S10)

O processo de preparação durante a competição é descrito como um conjunto de formalidades que buscam antever o jogo do adversário através da análise de sua base de dados, processo parece se repetir ao longo das competições. No entanto, parece que, na maioria das vezes, essa preparação não é eficiente. “Não entrar na partida”, aqui, significa que o adversário jogou lances diferentes daqueles em que o jogador havia se preparado:

“Bom, a preparação pros torneios é, em grande parte feita no dia a dia, estudando em casa: abertura, cálculo, finais, vendo as partidas importantes e um pouco de *ICC* (*Site Internet Chess Club*) também. Dentro do torneio em si, é quase um ritual: abrir a base, procurar as partidas, ver as partidas recentes, mapear todo o repertório e tentar achar alguma coisa que, antes de me agradar, desagrade o meu adversário. Às vezes é aquela linha complicada que ele ganhou alguns anos atrás e pode não se lembrar bem, outras, um tipo de posição que ele joga há pouco tempo... Depois disso, aprofundar. Buscar as partidas da posição, entender até onde a teoria vai, procurar alguma ideia nova, algum plano diferente e fazer tudo isso funcionar. Normalmente com não só uma, mas duas ou três variantes que o cara joga. E sim... na ‘graaaaande’ maioria das vezes, a preparação não entra na partida. Mas, um dia...”. (S1)

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação sob os aspectos socioculturais e pedagógicos da trajetória esportiva dos Grandes Mestres brasileiros demonstrou particularidades relativas a ambos os eixos.

Em relação aos aspectos socioculturais, destaca-se a importância do ambiente familiar como meio reproduutor de capitais culturais e capitais enxadrísticos simbólicos que foram incorporados pelo grupo de participantes deste estudo. A herança cultural socialmente herdada (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2004) no seio familiar fora, nesse sentido, fundamental para o desenvolvimento e sucesso atingidos na formação esportiva destes sujeitos. A idade de iniciação ao xadrez (média de  $6,27 \pm 3,06$  anos de idade), mostrou-se precoce em relação à literatura consultada. Porém, de acordo com o adequado sentido dado à prática durante a infância destes jogadores, pode-se aferir que o fenômeno de iniciação, e não de especialização precoce esteve presente nas fases iniciais de contato com a modalidade, muito embora não fora possível a percepção clara dos critérios da fase de especialização esportiva vivenciada ao longo do processo de formação. A mudança de sentido em que os praticantes encaravam a modalidade ao longo de toda a trajetória também foi notória. De passatempo à profissão, percebeu-se um conflito de entendimento por parte dos jogadores sobre a distinção entre ser um jogador profissional da modalidade e um profissional do xadrez. A paixão pelo xadrez, no entanto, foi algo constante durante todo o caminho, a qual fora herdada e cultivada desde o princípio em seio familiar.

A ausência de um método de treinamento único e universal foi clara entre os participantes do estudo. O que parece haver, entretanto, configura-se como uma série de técnicas e conteúdos priorizados durante as diferentes fases de formação esportiva destes atletas. O cálculo como componente técnico e a prática deliberada, nesse sentido, merecem destaque. A distinção entre a preparação anterior e durante o período competitivo também pôde ser notada. Há a necessidade de futuros estudos que possam explorar a presença e a relação de tais conteúdos de acordo com as fases presentes na formação esportiva do indivíduo, bem como estabelecer, neste modo, uma relação entre os mesmos.

Aponta-se como limitações do presente estudo o fato das entrevistas serem realizadas por interlocutores distintos, o que não facilitou as comparações entre as respostas visto que as demandas e perguntas das entrevistas eram diferentes. Por outro

lado, tal fato possibilitou uma gama de variedades de respostas que, a partir de suas similaridades, puderam ser comparadas na construção dos resultados deste estudo.

Sugere-se que futuras investigações aprofundem os detalhes sobre os aspectos socioculturais pelos quais tais indivíduos estiveram envoltos, sobretudo no período de iniciação. Recomenda-se, também, uma sistematização dos meios e conteúdos presentes na preparação esportiva destes jogadores de modo a criar uma metodologia de ensino que auxilie os agentes sociais que lidam com a formação esportiva no xadrez em suas ações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKER, J. Early Specialization in youth sport: a requirement for adult expertise? **High Ability Studies**, Iowa, v. 14, n. 1, p. 85-94, 2003.
- CHARMAZ, K. **A construção da teoria fundamentada:** guia prático para análise qualitativa. 2<sup>a</sup> Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- CHRISTOFOLLETTI, D. F. A. **O xadrez nos contextos do lazer, da escola e profissional:** aspectos psicológicos e didáticos. 2007. 162 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2007.
- CLUBE DE XADREZ ONLINE. Disponível em: <<http://www.clubedexadrezonline.com.br>>. Acesso em: 31 out. 2014.
- COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. Disponível em: <<http://www.cob.org.br>>. Acesso em: 1º mai. 2014.
- CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. Practice and play in the development of sport expertise. In: EKLUND, R.; TENENBAUM, G. (Eds.). **Handbook of sport psychology**. 3rd. ed. Hoboken: Wiley, 2007. Chapter 8, p. 184-202.
- CÔTÉ, J.; ERICSSON, K. A.; LAW, M. P. Tracing the development of athletes using retrospective interview methods: A proposed interview and validation procedure for reported information. **Journal of Applied Sport Psychology**, Philadelphia, v. 17, n. 1, p. 1-19, 2005.
- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE XADREZ. Disponível em: <<http://www.fide.com>>. Acesso em: 1º mai. 2014.
- GOBET, F.; JANSEN, P. J. Training in chess: A scientific approach. **Education and chess**, Dallas, p. 1-24, 2004.
- GOULD, D. Positive coaching alliance. **Leader's Digest**, Michigan, v. 9, 2007.
- KASPAROV, GARRY. Ich bin gern das biest. **Der Spiegel**, Hamburg, v. 47, 2002.
- KROGIUS, N. The link between age and success. In: **Psychology in chess**. New York: RHM Press, 1976. p. 234-243.
- LAUAND, L. J. **O xadrez na idade média**. São Paulo: Perspectiva, 1988. 122 p.
- MARQUES, R. F. R. et al. Formação de jogadores profissionais de voleibol: relações entre atletas de elite e a especialização precoce. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 2, 2014.
- MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. O Esporte Contemporâneo e o Modelo de Concepção das Formas de Manifestação do Esporte.

**Conexões**, Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 6, n. 2, p. 42-61, 2008.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 9º ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

NOGUEIRA, C. M. M; NOGUEIRA, M. A. **Bourdieu & a Educação.** 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 152 p.

SANTANA, W.C. **Futsal: metodologia da participação.** 2. ed. Londrina: Lido; 2001.

SANTANA, W. C. Pedagogia do esporte na infância e complexidade. In: PAES, R. R.; BALBINO H. F. (Orgs.). **Pedagogia do esporte:** contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 1-24.

SANTOS, P. S. **O que é xadrez?** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010. 74 p.

SHENK, D. **O jogo imortal:** o que o xadrez nos revela sobre a guerra, a arte, a ciência e o cérebro humano. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. 312 p.

SILVA, W. **Raciocínio lógico e o jogo de xadrez:** em busca de relações. 2010. 578 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

SOUZA, J. **O xadrez em xeque:** uma análise sociológica da "história esportiva" da modalidade. 2010. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

SOUZA, J.; MARCHI JÚNIOR, W. A Guerra Fria e a final do Campeonato Mundial de Xadrez de 1972: algumas possibilidades analíticas e correlacionais. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 4, dez. 2013.

SOUZA, J.; MARCHI JÚNIOR, W. Rupturas e tensões no processo de constituição estrutural do subcampo esportivo do xadrez (1900-1960). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, set. 2012.

SOUZA, J.; STAREPRAVO, F.; MARCHI JÚNIOR, W. O processo de constituição histórico-estrutural do subcampo esportivo do xadrez: uma análise sociológica. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 02, p. 93-113, abr./jun. 2011.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa Qualitativa:** técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de Teoria Fundamentada. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. 288 p.